



Desde Abril de 2000

rascunho

230

Jun. 2019

O JORNAL DE LITERATURA DO BRASIL



 **translato**
EDUARDO FERREIRA

BORGES E EU

Um pequeno livro de Borges, **El hacedor**. Composto de textos curtos, minicontos, reflexões, poemas. Entre eles está *Borges y yo*, no qual o autor especula sobre a relação entre dois Borges: um, o autor do pequeno texto; e outro, o escritor famoso. O primeiro vive para que o outro, famoso, possa “tramar sua literatura”. Em certo trecho, o autor admite que o escritor famoso produziu “certas páginas válidas”, ressaltando que elas não poderão salvá-lo, “talvez porque o bom [as “páginas válidas”] já não é de ninguém, nem sequer do outro [o escritor famoso], mas da linguagem e da tradição”.

O texto e a literatura são paulatinamente absorvidos pela língua, incorporando-se a seu acervo, em processo que, mais rápido nalguns casos do que outros, acaba apagando o nome do autor. É uma questão de tempo o desaparecimento completo do autor, provavelmente antes de a substância do texto mergulhar por inteiro nas sombras. Ainda assim, algo perdurará na tradição de uma cultura e de um idioma — e esse pouco somente graças à tradução. Expressões consagradas, algumas palavras caras, certas páginas válidas. Até as aspas vão lentamente perdendo a razão de ser.

O autor de *Borges y yo* lamenta seu lento apagamento, incorporando-se à persona do escritor famoso. Se insurge, se debate, esperneia, mas pouco a pouco soçobra, imergindo no outro, até que pouco ou nada dele reste. E, no entanto, citando Spinoza, aponta que as coisas lutam por perseverar em seu ser. E essa ideia lhe aumenta a lamúria, ante a consciência de que ficará no outro, não em si mesmo. Se aflige, esse outro Borges. Se reconhece menos nos livros do outro do que em obras de outrem, do que na batida penosa de um violão.

O texto vai gradualmente migrando do original à tradução. Incorporando-se a uma nova escritura, em nova roupagem — seja em outra língua, seja em outro tempo da mesma (?) língua. Ainda que lute por perseverar igual a si mesmo, fiel a si mesmo. É uma luta perdida, desde o início. O tempo vai desgastando pelas bordas, mas não poupa o núcleo no final — será sempre uma questão de esperar o suficiente.

O autor de *Borges y yo* tenta livrar-se do escritor famoso, que o assombra com suas criações, que também foram suas. Vai perdendo a substância de suas invenções, que passam às mãos e à mente do escritor. Este amplia seu alcance,

enriquece seu prestígio, estende seus tentáculos e incorpora pouco a pouco todo o texto e todas as ideias do autor, o forçando a arriscar outras fabulações.

A tradução vai absorvendo o original à medida que o tempo o corrói. O texto não desaparece, mas é obrigado a reinventar-se para não morrer. Luta por persistir em seu ser, mas acaba deslocado por uma força irresistível. A tradução amplia sua abrangência, assumindo a originalidade do texto primeiro.

O autor confessa que sua vida é uma fuga contínua. Fuga para longe do escritor. Nessa evasão, tudo perde, e tudo recua para o esquecimento. Enfim, tudo passa à esfera do outro. Tanto que já nem sequer sabe quem escreve o texto: se ele mesmo ou o escritor. Qual dos dois?

O original passa ao olvido. É inexorável. É texto em fuga, capturado apenas por meio de tradução. Dele sempre tudo se perde, quando se procura preservar o ser tal qual inicialmente concebido. Mas dele tudo se pode recuperar, recriar, pela alquimia da tradução. Tanto que se pode até perder a referência certa entre o autor e o tradutor. Afinal, como diria o próprio Borges, “não há na terra uma só coisa que o esquecimento não apague ou que a memória não altere”. Não sei qual dos dois. 🍷



rascunho
O JORNAL DE LITERATURA DO BRASIL

desde 8 de abril de 2000

Rascunho é uma publicação mensal da Editora Letras & Livros Ltda.
CNPJ: 03.797.664/0001-11

Caixa Postal 18821
CEP: 80430-970
Curitiba - PR

 RASCUNHO@RASCUNHO.COM.BR

 WWW.RASCUNHO.COM.BR

 [TWITTER.COM/@JORNALRASCUNHO](https://twitter.com/JORNALRASCUNHO)

 [FACEBOOK.COM/JORNAL.RASCUNHO](https://facebook.com/JORNAL.RASCUNHO)

 [INSTAGRAM.COM/JORNALRASCUNHO](https://instagram.com/JORNALRASCUNHO)

EDITOR

Rogério Pereira

EDITOR-ASSISTENTE

Samarone Dias

COMERCIAL

Light Direct

comercial@rascunho.com.br

COLONISTAS

Alcir Pécora

Eduardo Ferreira

João Cezar de Castro Rocha

Jonatan Silva

José Castello

Mariana Ianelli

Miguel Sanches Neto

Nelson de Oliveira

Raimundo Carrero

Rinaldo de Fernandes

Rogério Pereira

Tércia Montenegro

Wilberth Salgueiro

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

Adriana Lisboa

André Caramuru Aubert

Ary Quintella

Carla Bessa

Carolina Vigna

Gisele Eberspächer

Isabela Sancho

João Lucas Dusi

Jonatan Silva

Lawrence Ferlinghetti

Luna Vitrolira

Maurício Melo Júnior

Paulo Krauss

ILUSTRADORES

Glauber Shima

Hallina Beltrão

Igor Oliver

Isabela Sancho

Orlandeli

Teo Adorno

DESIGN

Thapcom.com

IMPRESSÃO

Press Alternativa

 **rodapé**

RINALDO DE FERNANDES

MEMÓRIAS ACADÊMICAS (3)

Eu buscava obsessivamente uma identidade de escritor. Então, eu e dois amigos do Curso de Letras da Universidade Federal do Ceará, o Carlos Gildemar Pontes e o Sandoval Teixeira, infelizmente já falecido, fundamos o *Folhetim literário acauã*. Nele fazíamos entrevistas polêmicas, como a que Sandoval realizou com Raimundo Fagner, na qual o compositor e cantor criticava a cultura do Cariri cearense, chamando de “terroristas culturais” os que postulavam uma poesia mais engajada, à maneira de Patativa do Assaré. No *Folhetim literário acauã* publicávamos também nossos contos e poemas e ainda textos de autores

cearenses. E procurávamos vender exemplares do *Folhetim* em eventos culturais da Universidade, em congressos e em bares. Eu fazia então, aos fins de semana, o percurso dos bares da avenida Bezerra de Menezes, carregando debaixo do braço exemplares do *Folhetim*. Após as vendas, eu parava para comer um hambúrguer no quiosque de um jovem poeta, magrinho, que fazia Letras na Universidade Estadual do Ceará e que gostava muito de poesia concreta. Eu já conhecia esse poeta do pátio da Letras da Universidade Federal do Ceará, onde por vezes ele passava distribuindo folhas com poemas seus. O jovem poeta, sempre afável, risonho, após eu me servir do

hambúrguer cuja carne ele mesmo temperava em seu quiosque, trazia uma pasta, me mostrava os poemas dele. Eu os lia com prazer e gostava da forma inventiva como ele pensava a poesia. O jovem poeta migrou do curso de Letras para o Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará. E deixou de vender hambúrgueres. Tornou-se um jornalista muito conhecido no Ceará, editando o caderno de cultura de *O Povo*. E é, atualmente, um dos grandes biografos brasileiros, publicando seus livros pela Companhia das Letras. Chama-se Lira Neto e é o autor da renomada biografia, em três volumes, de Getúlio Vargas. Não sei se ainda escreve poemas concretos. 🍷

6

Entrevista

Luiz Antonio de Assis Brasil

15

Inquérito

Stella Maris Rezende

16

Ensaio

O leitor irresponsável

31

Poesia

Lawrence Ferlinghetti

vidraça
JONATAN SILVA**Holocausto original**

REPRODUÇÃO



O **diário de Anne Frank** será publicado pela primeira vez em sua edição original sem as alterações feitas pela autora ou por seu pai. A versão que chega agora às livrarias europeias e norte-americanas fora modificada depois que a garota escutou no rádio notícias sobre o sofrimento do povo holandês. A partir desses relatos, ela reescreveu o diário com a intenção de que fosse publicado depois que a guerra acabasse. Com a morte da filha no campo de concentração Bergen Belsen, em 1945, Otto Frank deu ao mundo o relato da jovem Anne, não sem antes retirar do texto as questões envolvendo as dúvidas e questionamentos típicos da adolescência.

SAI UM PEREIRA, ENTRA UM LERNER

No início de maio, o escritor e fundador do **Rascunho**, Rogério Pereira, deixou a direção da Biblioteca Pública do Paraná (BPP), cargo exercido desde janeiro de 2011. Neste período, a BPP passou por algumas transformações importantes, com o investimento de cerca de R\$ 10 milhões em modernização do prédio, além da criação de mais de 20 projetos, alguns com destaque nacional, como o jornal *Cândido*, a revista *Helena* e o Prêmio Paraná de Literatura. Para substituir Pereira, o governo Ratinho nomeou Ilana Lerner, filha do ex-governador Jaime Lerner.

PROFISSÃO DE FÉ

A gaúcha Carol Bensimon, que atualmente mora nos Estados Unidos, lançou no começo de maio um curso online de escrita. *As Engrenagens do romance* é composto por 12 aulas, liberadas a cada semana e que tratam dos diversos aspectos do processo de escrita ficcional. Bensimon, que foi aluna de Luiz Antonio de Assis Brasil [leia entrevista com ele nas páginas 6 e 7], um dos mais importantes nomes da escrita criativa, venceu o Jabuti de Melhor Romance, em 2018, com **O clube dos jardineiros de fumaça**. Interessados podem se inscrever pelo link: <https://tinyurl.com/y3xxus39>.

AMOR LITERÁRIO

Susan Santog: her life, escrita por Benjamin Moser, biógrafo de Clarice Lispector, está causando furor nos Estados Unidos. Fruto de anos de pesquisa, o livro afirma que a escritora era a verdadeira responsável pelas obras produzidas pelo seu ex-marido Philip Rieff, com quem casou aos 17 anos. Entre os livros que Santog teria escrito está **Freud: The mind of the moralist**. “Susan passou várias tardes reescrevendo tudo do zero”, afirmou Minda Rae Amiran, amiga da autora de **Sobre fotografia** e **Vontade radical**. Ainda não há previsão de lançamento no Brasil.

CHEGA DE SAUDADE

A Companhia das Letras publica neste mês o novo livro de contos de Sérgio Rodrigues, **A visita de João Gilberto aos novos baianos**. Inspirado por um evento real — quando o pai da bossa nova foi à casa de Pepeu Gomes e sua trupe —, o livro é uma coleção de narrativas curtas, algo que não acontecia desde 2010, quando Rodrigues publicou **Sobrescritos: 40 histórias de escritores, excretos e outros insensatos**.

**NEM TÃO DEVAGAR**

A Kapulana lançou em maio 2018 — **Crônicas de um ano atípico**, livro de Martinho da Vila que reúne 48 textos sobre os eventos e os personagens que marcaram o último ano. Com delicadeza e talento, o sambista fala de questões dolorosas como o assassinato de Marielle Franco, de situações marcantes como a visita ao ex-presidente Lula e sobre os descaminhos da mais recente eleição presidencial.

eu, o leitor 

cartas@rascunho.com.br

QUE DECEPÇÃO!

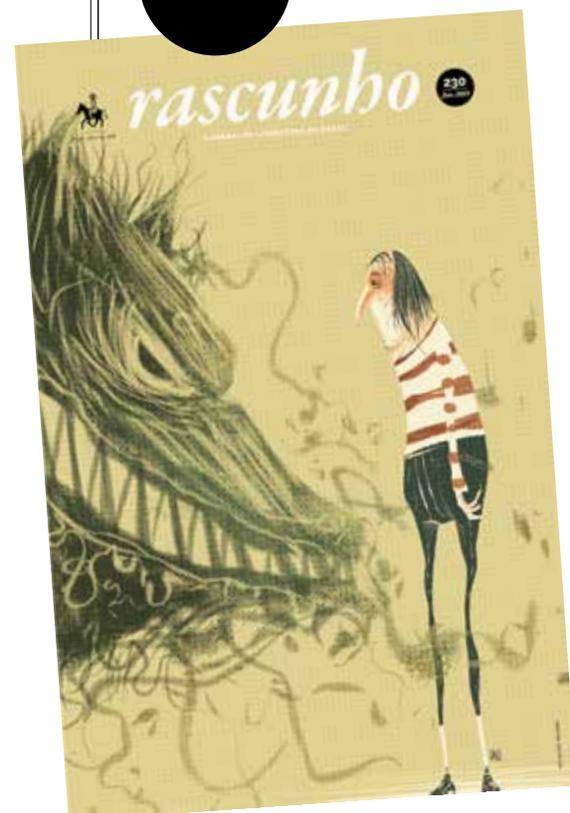
Solicito o cancelamento de minha assinatura do Rascunho. Não faço questão de receber os números restantes da atual assinatura, assim como não pretendo renová-la. Assinei o jornal após ouvir comentário sobre ele no site do professor Rodrigo Gurgel. Esperava conhecer uma publicação voltada para toda a literatura, com resenhas e críticas sobre obras de importância literária, independentemente da orientação política do autor ou de seu conteúdo, que pudesse orientar um leitor à procura de bons livros, o que sem dúvida, não é o caso do Rascunho.

Ivan Lopes de Carvalho • Jaú – SP

QUE SATISFAÇÃO!

Quero parabenizar o colunista José Castello pelos belos textos que nos proporciona em sua coluna A literatura na poltrona, e em especial pelo A terceira margem, veiculado na edição de abril. Já na maturidade, Castello se revela, cada vez mais, um ensaísta de primeira. Eclético e erudito, tece, com precisão cirúrgica, sua prosa leve e profunda.

Luís de Lima • Novo Hamburgo – RS

arte da capa:
ORLANDELI**BREVES**

• O curitibano Carlos Machado acaba de lançar **Era o vento**, que reúne 12 contos que giram em torno de questões contemporâneas como a migração, a política sul-americana e as guerras. O relato *A mesma moeda* integrará também a coletânea Off-Flip.

• Mais dois escritores foram confirmados para a Flip: o rapper Gaél Faye, cujo romance **Meu pequeno país** chegará às livrarias pela Rádio Londres, e a cordelista Jarid Arraes, que publica neste mês pela Alfaguara o romance **Redemoinho em dia quente**.



• C. J. Tudor, autora de **O homem de giz**, foi confirmada na Bienal do Livro do Rio, que acontece em setembro. Somente no Brasil o livro vendeu mais de 25 mil cópias e é uma das grandes apostas da Intrínseca para esse ano.

• Desde maio, o **Rascunho** está sendo distribuído em 25 unidades do Sesc Paraná, entre capital e interior do estado.



a literatura na poltrona

JOSÉ CASTELLO

A CASA DA RAIVA

Ilustração: Glauber Shima



Nosso mundo fake é, antes de tudo, um mundo de disfarces, de máscaras e de dissimulação. Um território regido pela falsificação e pela traição. A tecnologia nos trouxe até aqui: em uma sociedade na qual tudo se duplica, em que tudo repercute e se reproduz velozmente, já não sabemos mais o que as coisas significam, o que escondem, o que efetivamente são. Esse mundo difícil e até terrível, embora fascinante, foi capturado, há quase 100 anos, por um dos mais esquecidos escritores do século 20 brasileiro: Octavio de Faria (1908-1980).

Costumamos lembrar apenas que Octavio é o autor da *Tragédia burguesa*, série que 15 romances que devassam a vida da classe média brasileira, e que ninguém leu. Devo admitir logo: eu também não li. Mas agora me chega às mãos, com o selo do Casarão do Verbo, de Anajé, Bahia — pequena cidade a 560 km de Salvador — a quinta edição das **Três novelas da masmorra**, um dos preciosos livros perdidos de Faria. Nele, encontramos um surpreendente relato sobre o inferno da duplicação. O mesmo em que hoje nos queimamos.

Detenho-me no primeiro e mais forte dos três relatos, as *Memórias de um cão danado*, publicado pela primeira vez em livro no ano de 1966. A primeira edição conjunta das três novelas é de 1968. A epígrafe, tomada da *Ilíada*, de Homero, resume o espírito do conto: “...cães devoradores me despedaçarão — esses mesmos cães que, para guardar minha casa, alimentava debaixo de minha mesa e que, agora, desconhecendo o antigo senhor, beberão, cheios de ódio, meu sangue, esponjando-me no pórtico de meu palácio”. Suspeita, perseguição, paranoia se infiltram em nossa vida contemporânea, mas Faria já os antevia com assombrosa lucidez.

Esse primeiro relato, páginas de um diário datado de fins dos anos 1950 que, diz o suposto editor, “me vieram ter às mãos nem sei bem como” e que agora ele apresenta como uma “novela”, reúne as notas de um homem perseguido por cães. “Tudo neles era blandícia e engodo. Sorriam, mesmo sendo cães. Disfarçavam — e eram animais! Impossível deixar de atacá-los, sob pena de sofrer os golpes traiçoeiros dessa antiquíssima canalha”. A ameaça do ata-

que inesperado gera, por antecipação, novos ataques igualmente inesperados, que se apresentam como gestos defensivos. Ambos, o homem e o cão perseguidor, se engalfinham (se confundem) em uma luta raivosa. Embrenham-se — como nós hoje também — no mesmo ódio. A ameaça de um justifica e exacerba a ameaça do outro, e a raiva fica “explicada”.

A paranoia — o delírio de perseguição sistematizado, transformado em “literatura interior” —, também em nosso pobre mundo, dá as cartas. Vejam as guerras e, em especial, as chamadas “guerras preventivas”. A divisão do mundo em blocos rígidos, sistemáticos, de inimigos invioláveis e inconciliáveis. Assim também vive o narrador dessa novela: tenta construir teorias, leis, sistemas que expliquem e justifiquem seu ódio. Por que não — pois quase sempre termina assim —, que expliquem sua desgraça. Sem essas amarras de segurança, ele se desnorreia. Ele se perde. Precisa da teoria e da raiva para reconhecer seu caminho.

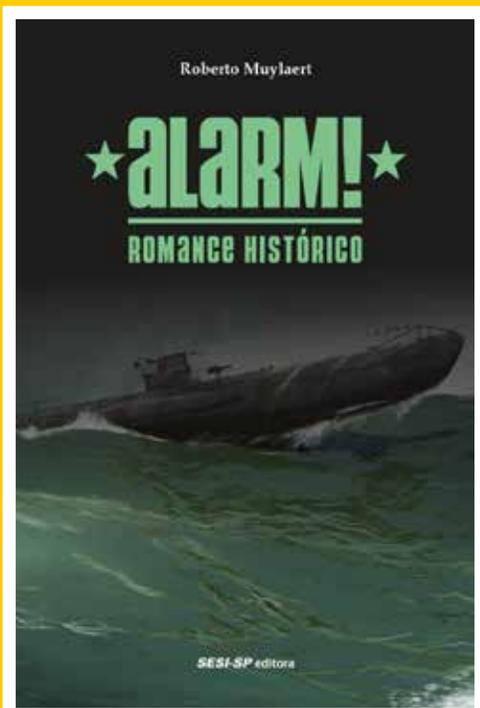
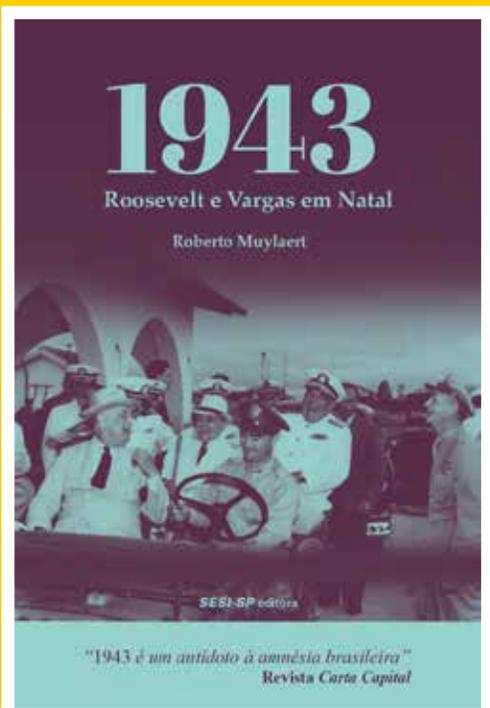
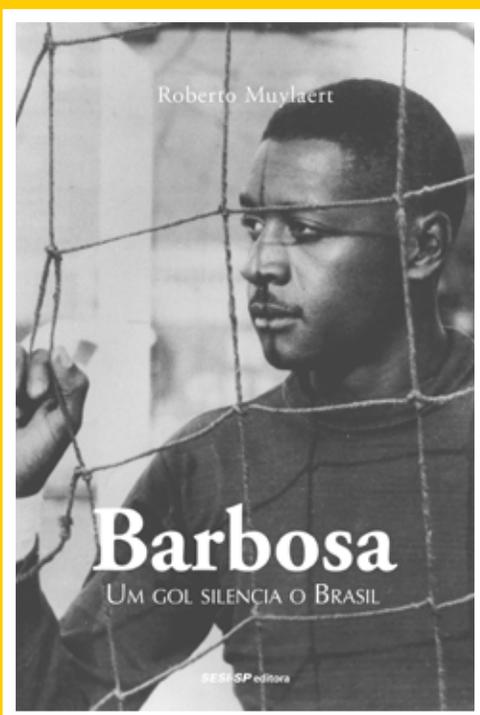
“Não nasci ontem. Assim vi o Grande-cão, fiz-me, eu também, sorrisos e disfarces.” O que é apenas um cão furioso, ou mesmo raivoso, se transforma, logo, em uma manifestação, quase religiosa, do Mal. Aqui é preciso lembrar que Octávio de Faria foi um católico fervoroso, e que o Mal — encarnado na metáfora do Grande-cão — esteve, sempre, no centro de suas preocupações. Seja como for: no relato que tenho nas mãos, o problema do narrador não chega a ser religioso, ou não é só religioso. “Estávamos sós, mas eu previa, à volta, toda a matilha, disfarçada, escondida, pronta a intervir ao primeiro sinal do cão-chefe.” É o mundo, todo o mundo, que se contamina, e se transforma em um grande alçapão. A masmorra está logo aqui, sob nossos pés. Estamos na casa da raiva.

Sinais apavorantes surgem de todos os lados — pois a paranoia é, antes de tudo, plástica, ela “cria” verdades inexistentes. Cães variados, de diferentes raças, sexo, porte, carregam a mesma máscara de ódio. O narrador também se vê, muitas vezes, perseguido por bêbados, mas, para ele, a perseguição dos cães é ainda mais intolerável, porque imprevista e irracional. Nela trabalha o veneno do instinto. Nela a natureza se deixa domar pelas baixezas que estão além do humano. Na rua, caminhando rumo à casa dos sogros, é seguido por um cão “pobre-diabo”. Pensa: “Cão do diabo, por que você não me larga?”. Na aparência, o bicho só quer afeto, companhia, mas quem pode saber o que ele realmente quer? Também Selva, uma cadela cega, “um dos cães mais afetivos que conheci”, o atormenta. A desconfiança se espalha e o adocece.

O cão pode estar, ainda, não no real, mas nos livros. Quando menino, tímido e nervoso, o narrador se assombrou com a leitura de *O cão dos Bakersvilles*, de Conan Doyle. Esse cão fantasma original é o protótipo de todas as outras feras que o atormentarão ao longo da vida. Já adulto, terminando a leitura de um “Tratado de Hidrofobia!”, ou concluindo uma tradução das *Memórias de um cão*, de Virginia Woolf — os capítulos se repetem, são reescritos com muitas variações, eles se duplicam e, como fantasmas, nos assombram e ameaçam — o pobre homem é perseguido por Plutão, o cão policial de um vizinho. O perigo pode vir de qualquer lado; em especial, daqueles que parecem mais dignos de confiança. Como viver em paz em um mundo traiçoeiro?

Também como em nossos dias, o narrador vive atormentado pelo medo da contaminação. No caso, pela hidrofobia, ou raiva, doença transmitida pelos cães danados. Como se sabe, a raiva provoca convulsões, paralisias, danação. Não é assim que nós também ficamos quando nos deixamos tomar pelo ódio? Na casa da Tijuca, Zago e Selva, cães furiosos, atravessam, deus sabe como, uma janela de ferro para atacá-lo brutalmente. Os ferimentos ali estão como prova — mas como acreditar, os amigos pensam, que os cães romperam, de fato, aquelas grades? A raiva se desdobra no impossível. Ela se transforma, ou se mistura com o pânico. Como é possível confiar em um mundo que se dissimula e se disfarça? Como acreditar, em um mundo no qual as crenças, ou provocam novas paranoias, ou só servem para a trapaça? 🐾

ROBERTO MUYLAERT УИУГВЕРТ РОВАЕРТ



FAZ POUCO TEMPO
BARBOSA UM GOL SILENCIA O BRASIL
1943 ROOSEVELT E VARGAS EM NATAL
ALARM! ROMANCE HISTÓRICO

SESI-SP editora
@ /sesispeditora
f /editorasesi
/sesispeditora.com.br
/editora@sesisenaisp.org.br

Jornalista. Engenheiro. Empresário. Escritor. Roberto Muylaert tem muita história para contar: da presidência da Fundação Bienal de São Paulo e da Fundação Padre Anchieta – que lhe concederam o título de *Officier des Arts et des Lettres*, pelo governo francês – ao cargo de publisher das revistas *Veja* e *Exame*. Suas obras relatam encontros políticos, momentos históricos e fatos pouco conhecidos da história brasileira.

entrevista 

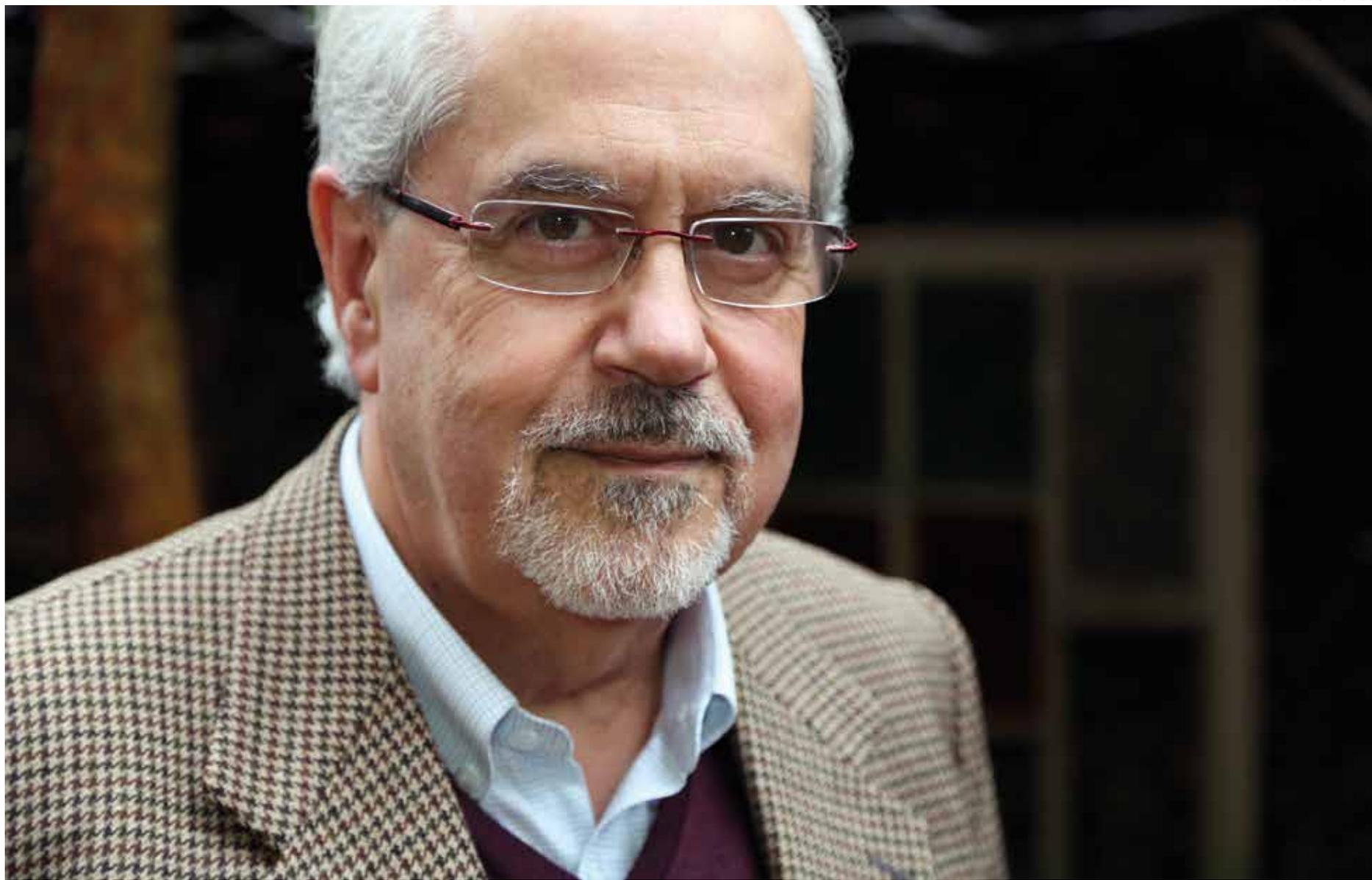
LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL

Em meio à selva literária

Professor de criação literária há 34 anos, **Luiz Antonio de Assis Brasil** reúne sua vasta experiência em **Escrever ficção**

JOÃO LUCAS DUSI | CURITIBA - PR

DOUGLAS MACHADO



O escritor gaúcho Luiz Antonio de Assis Brasil, que há 34 anos conduz a Oficina de Criação Literária da Escola de Humanidades da PUC-RS, é bem preparado para discorrer sobre o turbulento universo literário — tanto sobre a prática da escrita em si quanto as questões que a orbitam, como a necessidade urgente de atenção que assola o século 21. “Muitos caem na armadilha da fama instantânea”, reflete Assis Brasil na entrevista a seguir, concedida por e-mail ao **Rascunho**.

A experiência que ele reuniu ao longo de mais de três décadas como professor, além de também ser autor de 20 livros, rendeu-lhe neste ano a publicação de **Escrever ficção — Um manual de criação literária**. Elaborado com a colaboração de um de seus ex-alunos, o também escritor e professor Luís Roberto Amabile, essa espécie de guia para a criação de romances e novelas passeia por todos os meandros técnicos do fazer literário — da importância das personagens à delicada questão do estilo, passando pelo foco narrativo e o uso do tempo e espaço na ficção.

Em nove capítulos bem delimitados e utilizando trechos de livros de escritores consagrados para embasar a argumentação, Assis Brasil fornece um material acessível aos aspirantes. No último capítulo, aliás, ele vai além dos exemplos e entrega ao leitor “um guia para conduzir você em meio à selva”, oferecendo um roteiro para a escrita de um romance linear.

Aos que desejam se embrenhar nessa “luta contra a morte e contra o Nada” através da escrita, por mais que seja “uma enorme tolice” tentar contornar nossa mortalidade e que vivamos numa época “em que nada pode durar mais do que um clique”, o autor de **O inverno e depois** (2016) e **A margem imóvel do rio** (2003), entre outros, deixa um alerta:

“Não há mais espaço para escritores de fim de semana”.

• **O texto de abertura de *Escrever ficção* alerta: “antes de pensar em sucesso, pense em ser competente”. A era da internet — com a facilidade para se compartilhar conteúdo, a superexposição e glamourização generalizada — mudou a forma que os jovens enxergam o fazer literário?**

Sim, inevitável. Muitos caem na armadilha da fama instantânea, que, naturalmente, desaparece no ano seguinte. As redes sociais estimulam esse equívoco, com expressões que denotam uma atitude novidadeira e voraz — “quem é o cara do momento?”, “o que o pessoal está lendo hoje?”. Isso é tão trágico quanto

perverso. Já vi pessoas nitidamente vocacionadas que se perderam nos *faits-divers* da vida literária e tornaram-se personagens de si mesmos, contaminados pelo que chamo, de brincadeira, de síndrome de Rimbaud. No sentido contrário, permanecem vivos apenas aqueles que consideram a literatura como atividade profissional — e as profissões, como sabemos, exigem pessoas competentes, que dedicam o melhor de seu tempo e poder intelectual a sua atividade. Não há mais espaço para escritores de fim de semana. E a competência não impedirá ninguém de ganhar o Nobel. Isso nos conduz a outro dado: nunca os jovens escritores estiveram tão preocupados com a forma — e isso a ponto de, por vezes, “esquecerem” a matéria humana.

• **No manual, sugere-se que o ficcionista tem, em alguma medida, a noção de que sua literatura resistirá para além de sua existência física. Seria o escritor uma espécie de megalomaniaco lutando contra a mortalidade?**

Não sei se é megalomania, mas talvez seja a simples expressão de um sentimento partilhado por toda humanidade, que é a luta contra a morte e contra o Nada. Para superá-los, as pessoas engendram mil artifícios, sabendo de antemão que é uma batalha perdida. Mas não custa tentar — não fosse assim, não haveria o **D. Quixote** [do espanhol Miguel de Cervantes], nem o quarteto *A dissonância*, nem o Taj Mahal. Assim eu explico o porquê das tantas obras que alguém pode publicar. Cada uma delas representa o desejo de escrever a obra perfeita, que conferirá a imortalidade a seu autor. O problema já foi expresso pelo jovem príncipe da Dinamarca: ninguém deseja ir logo para a quietude do “lado de lá”, por desconhecer o que vai encontrar. E mais, digo eu, ninguém deseja ir no anonimato. E por isso “lutamos, mal rompe a manhã”, para construirmos uma impossível ponte com alguma transcendência que nos garanta certa notoriedade. Uma enorme tolice.

• **O manual sugere que o ficcionista precisa de muita vivência, e são citados casos de escritores que versaram sobre o que conheciam — Hemingway e as touradas, Bukowski e o álcool. A academia, porém, faz sempre questão de separar autor e obra. Como enxerga a aproximação acadêmica da literatura?**

Todoróv tem uma obra preciosa: **A literatura em perigo**. Dentre outras coisas — especialmente os equívocos dos epígonos do Estruturalismo, movimento que ajudou a acalantar —, ele trata do tipo de literatura que fazem os escritores franceses da atualidade. Para ele, há três categorias: os que são metralhadoras giratórias e nada constroem, os que escrevem em torno do próprio umbigo e os que escrevem para serem lidos na universidade. Uma vez, em conversa com o próprio Todoróv, perguntei-lhe se isso acontecia apenas com os escritores franceses; ele sorriu discretamente, muito civilizado, e disse “penso que não...”. Acho que ele está certo, passe seu natural exagero reducionista. Mas observo com curiosidade certos setores da academia prestigiarem justamente os textos escritos para serem lidos na própria academia. Claro, é algo minoritário. No geral, prepondera um bem-vindo multiculturalismo e uma atenção às questões de gênero e etnia, que utiliza teóricos dessas vertentes.

• **“Um ficcionista escrevendo representa o momento mais solitário e completo que alguém pode conceber” é o que você registra a certa altura. Há algo de necessariamente melancólico no ofício do escritor?**

A solidão não é necessariamente algo negativo; ao contrário. Para alguns, ela é uma condição para o ato de escrever. Claro, existe a melancolia errante, que nos assalta de inopino, tal como a fera na selva de James; mas são igualmente melancólicos jovens cheios de vida que se suicidam. É uma situação que não é exclusiva do escritor. Talvez ela seja mais visível porque o escritor tem um meio privilegiado de externá-la — e exagerá-la — com eficiência, que é a palavra. E com isso as pessoas se impressionam. Os próprios escritores são responsáveis por dar curso a essas lendas.

• **No manual se fala da “busca sem fim” por uma história melhor. É somente esse impulso perfeccionista que move o escritor? Como enxerga a história de Rimbaud e sua desistência precoce, por exemplo?**

Curioso, Rimbaud está povoando esta entrevista... Assim posso explicar melhor: eu referia, acima, à irreverência de Rimbaud, à sua genialidade, à sua busca do brilho e da glória e no seu esgotar todas as possibilidades da vida. Já agora você fala na desistência de Rimbaud. Difícil fazer um diagnóstico à distância e no tempo, mas acho que o retirar-se da literatura deveu-se mais a uma questão profunda de alteração de personalidade, com pouco a ver com a literatura. Li muito material primário acerca de Rimbaud — seria muito longo dissertar agora — e tudo converge para essa conclusão. Contudo, é arrepiante pensar que, talvez, não tenha sido nada disso.

• **O livro trata do fazer literário, mas não entra necessariamente no mérito de por que escrever. Qual a motivação mais recorrente que você observou nesses 34 anos como professor? E qual sua visão pessoal sobre?**

Há uma vontade geral de “ser escritor”. É difícil especular muito além disso, mas eu não estaria demasiado longe da verdade se dissesse que o motivo inicial passa pelo desejo de reconhecimento perante as pessoas de sua geração, passa por algum narcisismo, e, junto, pelo algo de inconformidade com o destino que eventualmente desenharam para si mesmos e que envolve uma “carreira séria”, isto é, que dá dinheiro. Com o amadurecimento pessoal e literário surgem “outros motivos”, quicá mais ligados às interrogações de natureza existencial ou social; tipicamente, é a preocupação com a finitude e a morte, de que falei acima. Quero dizer: é possível que alguém comece escrever por vaidade; no decorrer dos anos isso se altera, e a literatura passa a ser uma tentativa de explicar-se a si mesmo e entender o seu destino — e aí ela se torna indeclinável, um precário *escaler* do Titanic, independentemente da maior ou menor receptividade da obra.

• **Fala-se dos “ficcionistas que duram uma temporada e no ano seguinte são substituídos”.**



Escrever ficção — Um manual de criação literária

LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL
Companhia das Letras
400 págs.



“Não há mais espaço para escritores de fim de semana.”

Vemos isso com bastante frequência. O mercado editorial caminhou para isso ou, até onde você vê, sempre foi assim?

Não sei se esse é um fenômeno restrito à literatura, nem sei se é possível atribuir o fenômeno ao mercado editorial. Penso ser o reflexo do nosso *Zeitgeist*, necessariamente atarantado, fugaz e frívolo, em que nada pode durar mais do que um clique. Assim se explica a perversidade que está embutida na expressão “escritor da temporada”. Quem cai nessa armadilha tem frustração à vista. E muita gente boa cai nela, vivendo o resto da vida num vale de lágrimas e ressentimento. No meio disso tudo, o melhor a fazer é manter o foco, gastando suas energias em qualificar-se como profissional da escrita.

• **Pode apontar uma característica em comum nos seus alunos que mais se destacaram?**

Não só nos que mais se destacaram: vejo, neles, algo em comum, que é o rigor e a qualidade textual.

• **Algum manual de criação literária teve influência na sua própria formação como escritor ou professor?**

Não havia manuais, pelo menos no Brasil. Os escrito-

res da minha geração aprenderam no corpo a corpo da leitura intencionada, quer dizer, não era leitura “apenas” por prazer, mas nesse ato estava incluído, também, um enorme desejo de saber mais acerca dos recursos utilizados pelos autores que admirávamos. Era, por assim dizer, uma leitura — e, principalmente, releituras — de compromisso. Digamos que era uma espécie de formação extracurricular. Muito ganho, claro, mas, também, muito tempo gasto para se chegar a uma descoberta técnica, quando hoje isso é bem mais expedito, na frequência de um laboratório de texto ou na leitura de um manual.

• **Aprecia-se menos a ficção quanto mais se compreende sua mecânica?**

Muito ao contrário. Aprecia-se melhor o que se conhece, pois com isso é beneficiada não apenas nossa sensibilidade, mas também nossa razão — duplo ganho. E você já percebeu que aqui estou, descaradamente, repetindo o ideal do homem iluminista. O conhecer conduz a uma forte dose de prazer estético. Por isso é que o gosto se transforma e se refina. Alguém pode começar pelas estrondosas sinfonias de Beethoven e terminar nas peças para piano de Erik Satie. Basta realizar a transposição para a literatura — e só não dou um exemplo para não correr risco de morte.

• **Os clássicos seguem imprescindíveis para a formação de um escritor? Observou alguma mudança radical na visão de seus alunos após a explosão da “pós-modernidade”, com autores como David Foster Wallace, Thomas Pynchon, Don DeLillo?**

Esses são ótimos autores, que meus alunos leem e eu leio. Estou, porém, num estágio em que não mais me satisfaz a diáde opositiva “clássicos” e “não clássicos”. Mas não quero ser cínico, querendo inventar a roda e passá-la por novidade. Se você pensa em clássicos como certos autores do passado que ainda são lidos — eu aceito a redução ontológica — prefiro sugerir aos meus alunos que os leiam *ad hoc*. Um excelente texto contemporâneo pode ficcionalizar a personagem Agamêmnon, por exemplo; nesse caso, então proponho a leitura da tragédia de Ésquilo. Nem precisa haver uma relação escancarada como essa. O *link* pode acontecer num clima subliminar, no modo de contar a história ou na percepção da intimidade das personagens. Lygia Fagundes Telles pode me induzir a indicar as irmãs Brontë, e assim por diante. Simples assim.

• **Observa alguma temática constante no imaginário de seus alunos a partir do século 21?**

Passado o furor do gênero autoficcional, vitimado por sua própria indefinição — como bem assinala a professora catalã Anna Caballé —, percebo que os alu-

nos atuais passam a olhar para os lados, e, junto às indagações introspectivas referidas, ressurgem as preocupações de natureza social e que envolvam os outros na forma de troca, não mais de imposição da voz autocrática da personagem central. Ressurgem os textos em terceira pessoa, que estavam empoeirados nos armários da literatura. Mas atenção: ressurgem, sim, mas com um caráter sagazmente paródicos de si mesmos.

• **O escritor norte-americano David Foster Wallace, que também foi professor de escrita criativa, afirmou que o clichê se mostra real: aprende-se mais com os alunos do que se ensina. Você compartilha dessa visão?**

É um clichê, e uma frase de efeito que assim deve ser tratada. Se isso acontecesse, eu me sentaria entre os alunos e um deles daria aula. Não sei se a turma ficaria agradada desse esquema. Posso entender o dito brejeiro de Wallace como um exagero, isso sim. Nesse espírito, entretanto, posso dizer que, a uma observação de um aluno, eu posso me dar conta de algum pormenor que me havia passado em branco em minha própria literatura. Quase sempre se trata de um material riquíssimo e não raramente, brilhante.

• **No capítulo 9 você comenta sobre o sonho geral de se escrever um romance. Por que acha que é especificamente esse gênero que contamina o imaginário popular? Ainda: existe uma espécie de “preconceito” com o conto, como se fosse uma narrativa de menor valor?**

Sim, existe um pré-conceito. A bem falar a verdade, o conto é uma proposta sofisticadíssima, quase sempre mais sofisticada do que a do romance. Mas é um gênero pouco valorizado por duas razões: pela sua pequena dimensão em número de palavras e porque o bom conto, especialmente o conto contemporâneo, exige muito do leitor, em termos de sagacidade e percepção de seu subtexto. Sou romancista, e por isso posso dizer sem que me atirem pedras: o romance, fora os experimentais, “é mais fácil” do que o conto. Para ler e para escrever.

• **Na conclusão do manual, lê-se: “caso você tenha aprendido alguma coisa útil neste livro, você só será ficcionista por inteiro quando o tiver apagado da memória”. Em última instância, trata-se de absorver as “regras” somente para saber como corretamente descartá-las e, daí, realizar o excepcional?**

Sim. A técnica, com o tempo, deve tornar-se invisível. E isso só se consegue caso ela se integre entranhadamente ao nosso modo de escrever. Com esse instrumental assimilado e absorvido, podemos nos aventurar a todas as experiências literárias, inclusive aquelas que são disjuntivas em relação à “boa” técnica. Se assim não acontecesse, ainda escreveríamos com o estilo de Homero. 🍷

Ministério da Cidadania
e Associação Casa Azul
apresentam

17ª Festa Literária Internacional de Paraty

10 a 14 julho
de 2019

Casas Parceiras

A Energia da
Língua Portuguesa

Barco Flipei

Barco Holandês

BiblioSesc

Casa CMPC

Casa da Literatura

Casa de Não Ficção
Época & Vogue Brasil

Casa dos Povos

Casa Europa

Casa Folha

Casa Helvetia

Casa IMS

Casa Insubmissa
de Mulheres Negras

Casa Libre & Santa
Rita da Cássia

Casa PANC para TI

Casa PublishNews

Casa Submarino

Casa TAG

Casa Tyiwaras Tikunas

Edições Sesc

Sesc – Unidade Caborê

Sesc – Unidade Largo
de Santa Rita

www.flip.org.br

fb.com/flip.paraty

ingressos:

flip.org.br/ingressos

FLIP



casaAzul



Ministério da
Cultura



copatrocínio



copatrocínio



parceiro de mídia



realização

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA



Verdades variáveis

Em **Paradeiro**, Luís Bueno utiliza diferentes vozes para denunciar a fragilidade das nossas convicções face à doença e à morte

CARLA BESSA | BERLIM — ALEMANHA

Um livro sobre um lugar é sempre um livro sobre afluências, a plataforma de interseções de diferentes caminhos e épocas. Assim, o livro sobre um lugar revela-se também um relato sobre o tempo, que pode ser lido nas marcas que deixa nas ruas e nas pessoas. **Paradeiro**, de Luís Bueno, cujo pano de fundo é São José dos Campos, no interior de São Paulo, é, sobretudo, o rastreamento das biografias das personagens que por ali passaram, suas idas e vindas, mudanças e assentamentos.

Na superfície, o romance traça o panorama de uma época específica, os anos de 1930 e 40, sobretudo da perspectiva política e literária. Olhando-se mais a fundo, porém, a narrativa levanta questões humanas universais e atemporais que nos são apresentadas através das reflexões das três personagens centrais. Elas se veem, em tempos diferentes e por motivos distintos, confrontadas com a doença e com a morte.

É que São José dos Campos abrigava, neste período, sanatórios para tratamento da tuberculose e, mais tarde, com a rápida industrialização, passou a atrair todo tipo de imigrantes. Aqui se entrelaçam as histórias dos três protagonistas, que, no entanto, nunca se encontram. E quando digo “entrelaçam”, não se trata de uma metáfora. Os relatos curtos em primeira pessoa alternam-se num ritmo estonteante, alinhavando os retalhos de uma narrativa polifônica e híbrida, através da qual o autor costura a sua história, lançando mão de diferentes estilos, nomeadamente: a escrita epistolar, o monólogo interior e o fluxo de consciência.

No centro deste mosaico textual temos Pedro, cuja narração funciona como uma âncora histórica. Pedro é um jovem advogado e crítico literário que, acometido de tuberculose aos 23 anos, retira-se para tratamento e repouso naquela cidade. De lá, mantém contato através de cartas com seus amigos, figuras renomadas do círculo intelectual da época: Graciliano Ramos, Mário de Andrade, Octavio de Faria, Carlos Lacerda, Moacyr Werneck de Castro, Murilo Miranda. É através desta troca de correspondências que somos inseridos nas suas discussões sobre os caminhos da política e da literatura brasileira. Por outro lado, mergulhamos

com ele numa análise sobre a precariedade das convicções de uma elite intelectual cujo radicalismo revolucionário não resiste ao cotejo com a realidade da vida dos verdadeiros proletários, figuras que Pedro vem a conhecer em São José dos Campos. De fato, ele descobre que a visão da classe operária que tinha tido até ali era ingênua, burguesa e meramente teórica. A realidade se revela mais complexa e ambivalente.

A segunda protagonista é Bibiana, uma senhora portuguesa trazida para o Brasil ainda criança e obrigada a se casar aos treze anos. Separada da família, fica à mercê de uma tia que lhe manipula e explora. Bibiana, que, quando começa o relato, já é uma senhora demente, nos conta sua história em *flashbacks*, numa tentativa aflita de juntar as peças espalhadas da memória e, com isso, reconstruir o passado para orientar-se num presente que se desmantela. Pois só quem lembra pode se posicionar na linha do tempo: “e o que é o presente sem o passado nada uma pessoa que não lembra não existe somos aquilo de que nos lembramos de certeza é isso um louco é louco porque não se lembra”. Sua fala é uma avalanche verbal sem pontuação, num *stream of consciousness* que espelha bem o fluxo resfolegante da busca pela memória perdida, no qual as recordações mais antigas se misturam com invenções e desejos, embaralhando-se em fragmentos desconjuntados e incertos.

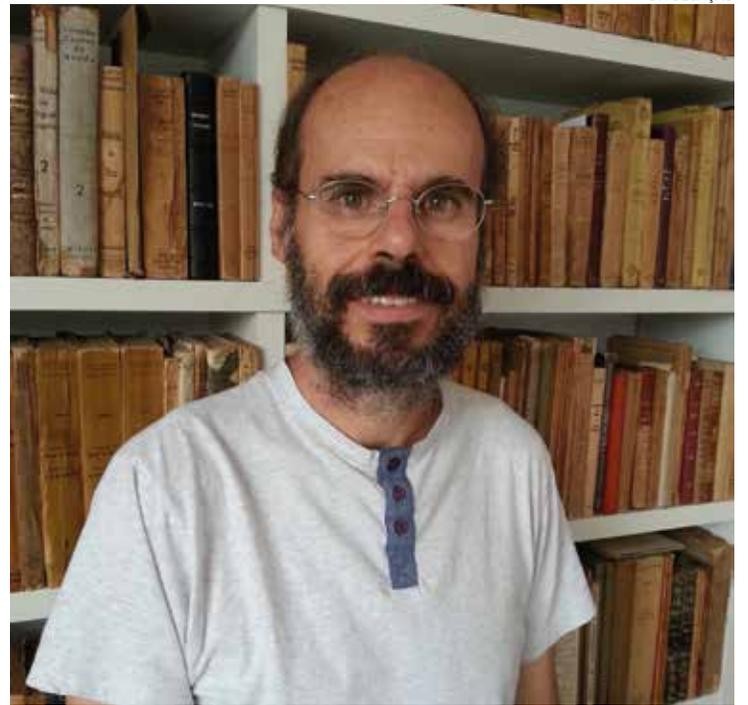
E, por fim, temos a terceira protagonista, uma suicida sem nome que atravessa o livro e a cidade com o intuito de pôr um fim ao sofrimento causado por um câncer descoberto tarde demais. Durante a caminhada até a ponte de onde pretende se suicidar, ela revisita a sua trajetória biográfica ao passar por lugares que deixaram marcas em sua memória, reinterpretando situações marcantes de sua história e, assim, redimensionando a sua vida ao mesmo tempo que, inconscientemente, adia o salto da ponte. O medo a acompanha a cada passo, é um depoimento pungente da raiva e da impotência diante da doença, mas é também o testemunho de uma intrínseca vontade de viver face à iminência da morte.

Fio condutor

Essa vontade de viver que emerge em momentos de declínio é o fio condutor das histórias — e das histórias dentro das histórias. Revelando pleno domínio do jogo com a metalinguagem, Luís Bueno — que também é um experiente crítico literário — traça um paralelo entre as tragédias pessoais de suas personagens e a saga da família de retirantes de **Vidas secas**, de Graciliano Ramos, livro resenhado por seu personagem central, Pedro. Este escreve:

Nesse livro se conta a história de uma família de sertanejos fugidos da seca. O problema é que, lendo esse romance num momento de crise, li-o como se lê tudo, imagino, li-o como um livro que trata da vontade de viver. O que temos ali é uma família que, a despeito de ter uma vida miserável, quer viver e faz da manutenção dessa vida desgraçada um movimento inútil de esperança. E daí? Se é esperança não é inútil. Em suma, li menos a miséria do livro e mais o desejo de vida que ele traz.

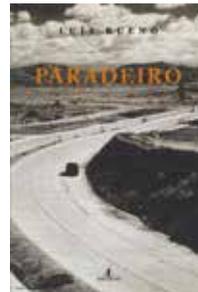
E é essa esperança quase inútil que funde gradativamente as três personagens no imaginário do leitor, de tal forma que, a partir de determinado ponto, tem-se a impressão de que, apesar de viverem em tempos diferentes e não se conhecerem, os três são a mesma pessoa, ângulos diferentes dos mesmos medos, questionamentos e da mesma severa autoanálise. Luís Bueno estabelece essa



O AUTOR

LUÍS BUENO

Doutor em Teoria e História Literária pela Unicamp, é professor de Literatura Brasileira na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Publicou em 2006 o livro **Uma história do romance de 30**. É coordenador de **A Confederação dos Tamoios: edição fac-similar seguida da polêmica sobre o poema** (2007) e de **Argos** (2013). Publicou dezenas de artigos e capítulos de livros no Brasil e no exterior. Foi diretor da Editora UFPR entre 2002 e 2007.



Paradeiro

LUÍS BUENO

Ateliê
304 págs.

TRECHO

Paradeiro

Agora, sobre a passarela, vejo a confusão de carros, ônibus e caminhões lá embaixo, passando pela Dutra com tanta pressa e me pergunto: o que será que os meus filhos vão sentir quando souberem, daqui a algumas horas, que eu morri? Como vão entender essa morte sem bilhete e sem adeus? Talvez no princípio fiquem tristes e, mais tarde, cada vez mais aliviados e tranquilos. Talvez.

fusão dos protagonistas não só no emparelhamento temático, mas também no plano formal, com o enredamento dos monólogos, que parecem espelhar-se, perseguir-se e fugir uns dos outros num crescendo, como numa fuga bachiana. Os monólogos alternam-se num ritmo cada vez mais ágil e de notável dramaticidade, produzindo enorme força de tração. O vaivém de vozes e tempos é levado ao ponto de tensão máxima numa passagem marcante lá pelo meio do livro, no capítulo intitulado sintomaticamente “Mote”, no qual se torna quase impossível distinguir quem fala, a que corpo pertence qual dor. Diante da morte, todos os tempos e todas as vozes parecem fundir-se na mesma voz que levanta as questões primevas do humano: quem sou? De onde venho? Para onde vou?

Alguns meses depois, no cemitério, me ocorreu a ideia de que todo mundo se pergunta: ‘de onde viemos? Eu sabia exatamente de onde tinha vindo, e esse lugar, apenas um corpo, não existia mais, estava ali, debaixo dos meus pés, desaparecendo devagar.

São estas as questões decisivas traduzidas nesta busca por um paradeiro, como o lugar do sujeito no mundo, mas também como “fim ou termo de alguma coisa”. Assim, o termo serve aqui como uma metáfora tanto para o assentar-se, como para a morte.

De fato, o que fica para mim deste livro doído e profundo, mas também cheio de humor, é a reflexão sobre o envelhecer, que traz consigo o desmoronamento da memória e dos princípios que guiam toda uma vida. O texto propõe a reavaliação das próprias posições e convicções diante do reconhecimento de que nem a identidade nem a verdade são invariáveis. Ou, como descreve a suicida:

Aos poucos fui percebendo que muito da minha própria tristeza vinha menos do jeito como as coisas eram do que da minha mania de achar que as coisas deviam ser de um determinado jeito, diferente do que elas realmente eram. Nessa história toda, nada disso se perdeu. Só as minhas certezas. 🍷



perto dos livros
MIGUEL SANCHES NETO

AUGUSTUS: DIÁRIO DE UMA LEITURA LENTA

13 de outubro de 2018 [sábado]

Terminei a leitura de **O elefante desaparece** (Alfaguara, 2018), de Haruki Murakami. O fantástico na obra dele é um recurso ruim. Prende mas também tira a intensidade do livro, dos contos. Vou começar agora **Augustus** (Rádio Londres, 2017), de John Williams — tradução de Alexandre Barbosa de Sousa.

Será neste ritmo lento que conduzirei minhas leituras.

23 de outubro de 2018 [terça-feira]

Augustus é um romance histórico diferente. O uso de fragmentos de documentos imaginários, algo de que sempre me vali, tem neste relato uma aplicação exemplar. Tudo acontece por meio dos documentos, não há um narrador, mas narradores múltiplos, o que dá à história uma forma lacunar, sem estar centrada em um ponto de vista nem na continuidade de enredo. Um belo exercício de construção.

17 de novembro de 2018 [sábado]

Terminei agora de ler um belo livro fraco. O que faremos com estas leituras irrelevantes? O que elas nos acrescentam? Estou precisando de um livro visceral. **Augustus** não me prendeu. Leio este romance sem tesão. E as demais leituras que me aguardam não dão água na boca.

2 de dezembro de 2018 [domingo]

Fomos colonizados por outras formas de lazer, o que coloca a literatura em último plano. Tenho lido pouco. Deixei pelo meio **Augustus**. E mesmo os jornais não me interessam mais. É o fim de um mundo. De meu mundo. Serei um estrangeiro.

19 de dezembro de 2018 [quarta-feira]

Indo para o fim de **Augustus**. A estrutura fragmentada torna a narrativa confusa, principalmente para quem não é íntimo do tema — a história de Roma. Há belas passagens, mas como um todo o livro se faz indistinto. A linguagem também não convence. Falta historicidade aos textos. É como se vivessem em uma época de excesso de escrita, em que todos escrevem de maneira compulsiva. Esta “escrevinhação” soa falsa. Mas enfrente heroicamente a leitura.

28 de dezembro de 2018 [sexta-feira]

Augustus, que estava me desagradando, entrou em uma fase interessante. Quando aparece Júlia, a filha do Imperador, que se manifesta por um diário, o livro ganha uma dramaticidade maior. Deixa de ser registro histórico para se fazer drama humano. A filha se submete à solidão e a casamentos arranjados para que o pai possa governar o mundo. Revelando Otávio César, futuro Augustus, pela vida familiar (deformada), o livro cresce. Vou entrar em um ritmo intenso de leitura a partir de agora.

29 de dezembro de 2018

[sábado]

Quase concluindo **Augustus**, romance sobre a renúncia. A família vista a partir das conveniências políticas do Império Romano. O livro se salvou do meio em diante. Espero um final à altura da obra de John Williams.

4 de janeiro de 2019

[sexta-feira]

Terminei agora à tarde a leitura de **Augustus**. Demorei para entrar no romance, muito fragmentado e com personagens históricas clássicas. Com o ingresso da narrativa em primeira pessoa de Júlia, a filha do Imperador já no exílio, o romance cresceu. O drama da família sacrificada. Da realização pessoal suspensa. Do desejo obstruído. Tudo acontece a Augustus pelo acidente de ter se tornado Imperador. Ele é alertado pela mãe quando resolve assumir este papel. E perderá depois todas as alegrias humanas. Morre sem amigos, dependendo da tirania de Tibério (Nero), seu sucessor e filho adotivo, uma vez que não lhe restaram pessoas melhores. Todos se perderam no caminho.

É um romance sobre a solidão, tal como os outros dois do autor — **Stoner** e **Butcher's Crossing**. A solidão na dimensão heroica. É também um romance sobre o erro, a identidade accidental que nos rouba de nós mesmos.

Na parte final, o relato de Augustus, em longas cartas a Damasco, seu último amigo no mundo (mundo era igual ao Império Romano), é de uma pungência terrível. Ele passa a vida em revista. Ficamos sabendo do fim de Júlia. E aumenta a solidão do Imperador, que reina sobre tantos e não tem mais ao seu redor nenhum interlocutor. Tudo que escreve se destina ao distante Nicolau de Damasco que, saberemos depois, já está morto. Augustus morre na mesma viagem, olhando um mar que não ama, pois é um homem do interior. Estas cartas são o momento alto do romance. No final, encontramos o relato de seu último médico, testemunha de sua morte solitária.

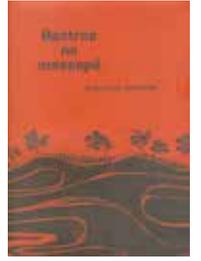
Romance de grande força humana.

John Williams não escreveu nenhum livro inferior. 🍷



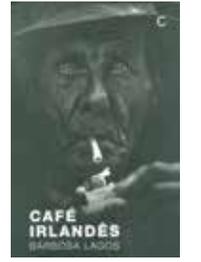
prateleira
NACIONAL

Seguindo a máxima tchekhoviana sobre biografias, João Luiz Azevedo não se limita às boas memórias em **Rastros no massapê**. O médico alagoano, que também se dedica à escrita com regularidade, relembra sua infância bucólica em Coruripe e segue vida adentro. Com o passar dos anos, as inocentes mentiras de infância são substituídas por rugas na faculdade, brigas de bar e a decisiva aproximação de Glícia, com quem está casado há décadas. Como todo relato autobiográfico, a linha entre ficção e realidade é tênue.



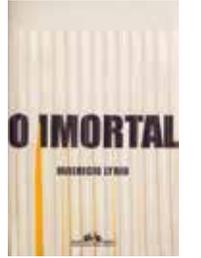
Rastros no massapê
JOÃO LUIZ AZEVEDO
Quelônio
240 págs.

Quando a ignorância parece palavra de ordem, num país bruto e violento, versos que recusam a resignação parecem urgentes. O eu lírico de Barbosa Lagos, apesar de reconhecer, por exemplo, como é "triste saber que/ cada vez mais raro é amar!", também entende que "é preciso manter a chama acesa". Seguindo uma tradição antilírica, os poemas passeiam pelos altos e baixos inerentes à vida — ora positivos, ora nem tanto. O que realmente importa, enfim, é não ser o idiota que "espalha por onde passa/ as verdades mais funestas/ sobre tudo e sobre todos".



Café irlandês
BARBOSA LAGOS
Circuito
149 págs.

Em 2025, o brasileiro Cássio Haddames é laureado com o Prêmio Nobel de Literatura. Com três livros na conta e sem grandes ambições em sua carreira de diplomata, o protagonista é próximo o bastante da politicagem para entender que a intensa campanha em seu benefício não foi por acaso nem inocente. Além da trama inicial, ao comparecer à cerimônia de entrega Haddames conhece Alicia, uma argentina radicada na Suécia, e as teias dessa história mal explicada vão se entrelaçando cada vez mais.



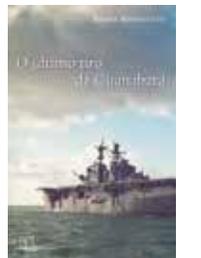
O imortal
MAURICIO LYRIO
Companhia das Letras
340 págs.

Em sua primeira incursão pelo romance, o norte-americano radicado no Rio de Janeiro Zé McGill elabora um thriller denso e bem-humorado a partir de uma estranha confidência: "Bom dia, eu matei um homem no verão de 1973, em Saquarema". Após essa abordagem pouco ortodoxa, a trama se desenvolve, com início num vagão de trem em Paris, no ano de 2015, e desemboca em terras cariocas, décadas atrás. Cabe ao confidente — que narra a história — se embrenhar num caminho labiríntico para descobrir o que de fato aconteceu.



Saquarema sete três
ZÉ MCGILL
Tinta Negra
158 págs.

Em seu segundo romance histórico, a escritora e jornalista Bruna Meneguetti reconstitui ficcionalmente a tentativa de golpe contra Juscelino Kubitschek, que presidiu o Brasil de 1956 a 1961. A obra, que se passa no Rio de Janeiro da década de 1950, traz a história de um vidente cego que é contratado pelo presidente para ajudar a evitar a armação contra o governo e reconstrói todos os episódios importantes dessa época, como quando um navio de guerra apontou os canhões para a Praia de Copacabana.



O último tiro da Guanabara
BRUNA MENEGUETTI
Reformatório
304 págs.

Os leitores do lado de cá

O menino do lado de lá constrói um universo de fantasia que conduz ao autoconhecimento

CAROLINA VIGNA | SÃO PAULO – SP

O menino do lado de lá, de J. R. Penteado, apresenta tantas camadas de significação que é difícil até de ter certeza da faixa etária a que se destina. Isabel Lopes Carvalho, no posfácio, com razão, descreve a obra como inclassificável. Existem, entretanto, alguns paralelos possíveis. Naturalmente, como ocorre com toda boa literatura, a análise a seguir é apenas uma das muitas existentes e pode até mesmo discordar da visão do autor. Ao ler **O menino do lado de lá**, dois títulos surgem em diálogo: **Alice no País das Maravilhas**, de Lewis Carroll, e **As cidades invisíveis**, de Italo Calvino. A ligação com **Alice** é sugerida não apenas na estrutura narrativa do livro, mas também no seguinte trecho:

De repente uma agressão o atingiu em cheio, no cerne de sua alma, e o derrubou da árvore protetora. Depois de um tempo, deitado na relva, refastelado e recuperando-se do bombardeio, tentou subir novamente, mas o tronco crescera tanto que o primeiro galho, potencial alavanca, estava numa altura intransponível. Ou será que ele que diminuía para caber de alguma forma naquele mundo que parecia aguardá-lo e que no instante em que pensou isso já se sentia atrasado? Pensando em Alice cogitou se não teriam as frutas dali o mesmo efeito da poção que faz encolher e do bolo que faz crescer do País das Maravilhas e resolveu dar o nome da(s) princesa(s) de Alice, mesmo sem saber se viria um dia a chamá-las pelo nome, mas este lhe parecia um ótimo nome de princesa.

Algumas das questões humanistas presentes em **Alice** podem ser encontradas em **O menino do lado de lá**: a dor do crescimento, como lidar com perdas, a construção do Eu, o ínterim entre o Eu e o Outro, a existência de múltiplas realidades e as muitas camadas de significação do mundo. Para Penteado, talvez a grande questão seja esse ínterim, que ganha até mesmo o status de um local “físico”:

Dessa forma ele se aproxima de protegido desde o Ínterim — como também era conhecido aquele

espaço das árvores — vendo a distância tudo o que acontecia nos reinos sobrepostos e sem participar de nada, efetivamente, sentindo tudo.

A questão do Eu e do Outro e tudo o que existe no meio permeiam o livro que, mesmo não sendo de psicanálise, parece ter bebido nessa fonte. O trecho abaixo, retirado do ensaio *Considerações sobre o mal-estar na civilização*, de Giselle Falbo, joga luz na problemática:

O eu não está na origem, ele é resultado de um processo de construção que se opera na relação com o outro — o próximo. Para o recém-nascido ainda não há distinção entre o eu e o mundo externo. O eu só é contrastado pela primeira vez por um objeto — tomado com “exterioridade” — em função da ação específica, mediada pela linguagem, através da qual o próximo veicula satisfação aos estados de tensão gerados pelas urgências da vida. Mas o maior incentivo, tanto para que o eu se diferencie quanto para o reconhecimento de um exterior, é certamente proporcionado pelas frequentes e inevitáveis sensações de sofrimento e desprazer. É pela via da não relação entre o eu e o objeto da satisfação, pelo viés portanto do desprazer, que o próximo surge como dessemelhante, estranho. Consequentemente, a introdução da relação de objeto se faz, primariamente, sob a marca do ódio e do estranhamento, e se estrutura sobre a falta do objeto de satisfação que, perdido desde sempre, só existirá como nostalgia.

Saudável estranhamento

Há em Penteado um saudável estranhamento e, justamente por causa disso, um desejável espaço disponível para a construção empática do leitor. É no dessemelhante que construímos a alteridade, muito necessária na contemporaneidade. E é nessa viagem ao dessemelhante/semelhante que encontramos Calvino, em **As cidades invisíveis**:

— Você viaja para reviver o seu passado? — era, a esta altura, a pergunta do Khan, que também podia ser formulada da seguinte maneira: — Você viaja para reencontrar o seu futuro?

E a resposta de Marco:



DIVULGAÇÃO

O AUTOR

J. R. PENTEADO

Mestre em teoria literária e literatura comparada pela Universidade de São Paulo (USP), atua no mercado editorial com tradução e adaptação de livros juvenis e roteiro de histórias em quadrinhos. Como autor publicou, entre outros, **Em busca de um caminho. A saga do iconoclasta Zé Ferino. Canto do mar. Mathabarata** e **O mago**.



O menino do lado de lá

J. R. PENTEADO

Sesi-SP
80 págs.

TRECHO

O menino do lado de lá

As pessoas tornavam-se animais e se despiam de qualquer gentileza ou afetividade, eram tensas e ríspidas entre si como se numa luta ancestral e, nervosas, riam, risos forçados e neuróticos. Os que se mostravam fracos eram sugados sumariamente em sua coloração parca e avermelhada para alimentar a ira rubra de seu agressor; que ainda vociferava cruel ao ouvido apático dos outros, seus inimigos eram todos, que doentes de raiva sentiam bolhas amareladas supurando no rosto.

— Os outros lugares são espelhos em negativo. O viajante reconhece o pouco que é seu descobrindo o muito que não teve e o que não terá.

O menino do lado de lá, o menino do lado de cá e a menina do meu lado coexistem no discurso narrativo da mesma forma que os muitos espaços coexistem no lugar descritivo.

Os lugares em **O menino...** se alteram de forma estrutural, em um universo de fantasia e surrealismo. Ou seja, não é o ponto de vista do visitante que se altera, mas o local em si:

Até as árvores já não eram mais as mesmas, os galhos antes feitos braços paternos que o estimulavam e o apoiavam na subida agora se distanciavam do solo como uma mãe tresloucada. E os troncos choravam feito crianças abandonadas, criando um musgo escorregadio; inclusive suas árvores multifrutíferas — nas quais bastava segurar uma fruta e pensar em qual fruta gostaria que fosse para que nela se transformasse em sua mão, desde que é claro ainda estivesse presa ao galho da árvore — já não estavam mais funcionando corretamente, entraram em pane como um computador.

Já Calvino trata do assunto da mudança do lugar a partir do ponto de vista do visitante. Ou seja, não é o local que se altera mas o ponto de vista do visitante:

É o humor de quem a olha que dá a forma à cidade de Zemrude. Quem passa assoviando, com o nariz empinado por causa do assobio, conhece-a de baixo para cima: para-peitos, cortinas ao vento, esguichos. Quem caminha com o queixo no peito, com as unhas fincadas nas palmas das mãos, cravará os olhos à altura do chão, dos córregos, das fossas, das redes de pesca, da papelada. Não se pode dizer que um aspecto da cidade seja mais verdadeiro do que o outro, porém ouve-se falar da Zemrude de cima sobretudo por parte de quem se recorda dela ao penetrar na Zemrude de baixo, percorrendo todos os dias as mesmas ruas e reencontrando de manhã o mau humor do dia anterior incrustado ao pé dos muros. Cedo ou tarde chega o dia em que abaixamos o olhar para os tubos dos beirais e não conseguimos mais distingui-los da calçada. O caso inverso não é impossível, mas é mais raro: por isso, continuamos a andar pelas ruas de Zemrude com os olhos que agora escavam até as adegas, os alicerces, os poços.

Ideia que retoma um pouco depois, ainda em **As cidades invisíveis**:

Uma sibila, questionada sobre o destino de Marósia, disse:

— Vejo duas cidades: uma do rato, uma da andorinha.

A metáfora do lugar que muda, tanto a partir do ponto de vista do visitante quanto *per se*, é a do crescimento, a do conhecer-se. Isso faz de **O menino do lado de lá** um livro imprescindível. Conforme David Levy discorre no estudo *A identidade narrativa: conhecer o si-mesmo é narrar sua história*:

Conhecer o si-mesmo é narrar sua história e ele existe enquanto sua história se desenrola no tempo. Da mesma maneira, sua identidade confunde-se com a concordância-discordância, o agenciamento dos fatos numa intriga, com a imaginação criadora que produz metáforas capazes de reunir o diverso num todo. O self-encontra na identidade narrativa a possibilidade de refigurar-se de maneira mais autêntica.

Essa noção das múltiplas camadas de realidade, de imaginação, de histórias e de *Self* faz a narrativa de Penteado ser, de fato, inclassificável. E, por isso mesmo, imperdível. 🍷

Relato da barbárie cotidiana

O romance **Mauricéa**, de Adrienne Myrtes, narra a desgraçada trajetória de um homossexual radicado em São Paulo

MAURÍCIO MELO JÚNIOR | BRASÍLIA – DF

O primeiro desafio de quem escreve ficção, ensinam os manuais de escrita criativa, é encontrar a voz narrativa. Muitos são os autores que partem exatamente daí para, enfim, empreender mais um romance, mais um conto. Outros, descuidados, optam pelo óbvio dando voz ao protagonista, que muitas vezes — claro que falando na primeira pessoa do singular — se traem e desandam para uma linguagem forçada, um arremedo de coloquialismo ou, o pior, para uma erudição que está muito longe do caráter central do personagem.

Em seu novo romance, **Mauricéa**, Adrienne Myrtes entregou ao protagonista o direito de narrar sua própria história. E correu o risco de desenvolver uma narrativa inadequada ao complexo personagem — um homossexual que, pressionado pelo ambiente conservador do Recife e por uma desilusão amorosa, segue para São Paulo em busca de paz e glória.

Todos esses conflitos são narrados numa linguagem segura, não falseada, movida e marcada pelo amadurecimento da escritora. O resultado é um personagem profundo, intenso; um homem envelhecido e sem esperanças, mas que guarda as ingenuidades de um tempo onde a maldade ainda era suportável, posto que não se fazia escancarada.

Era meu aniversário e pensei ser justo comemorar. Velho não comemora aniversário, inteira tempo, dizia-se no Recife, onde fui criança; decidi contrariar a sabedoria do povo. Sentia-me jovem, remoçada pelo romance com Mel. Conteí minhas economias e planejei coisa inusitada: um jantar em restaurante bacana. (...) Esqueci-me de que aos vira-latas restam as sobras e a porta da rua.

Todo enredo do romance é uma destilação perene de humilhações. Omar nasce enquanto a mãe, Mauricéa, morre no parto. É criado por uma tia, de quem es-

conde sua condição homossexual. Diz trabalhar como garçom, mas, depois de ser demitido do emprego em uma loja por pressão dos clientes contra sua opção sexual, adota o nome da mãe, Mauricéa, e ganha a vida como travesti. Abandonado pelo namorado, que resolve viver com uma prostituta, vai para São Paulo e mergulha em outras misérias, sobrevivendo como manicure.

Diante de tudo que já se disse aqui, naturalmente que o romance poderia descambar para o óbvio — um longo discurso de denúncia, em defesa da comunidade gay. E aí teríamos mais um panfleto, mais um texto marcado pelo maniqueísmo, pela eterna luta entre o bem e o mal. Não que a denúncia esteja ausente do romance. A todo instante ele toca na ferida aberta da condição de degradação a que toda essa comunidade é submetida cotidianamente, mas a fortaleza da narrativa se prende a uma discussão mais ampla e humana.

Discussão humana

O que está em debate é todo o panorama humano que cerca Omar (nome de batismo de Mauricéa). Ninguém está no espaço do romance para se dar bem. O próprio namorado que a abandona no Recife, Jonas, migra para São Paulo com a namorada grávida, Marlene, e passa a viver sua miséria pessoal. É igualmente miserável a situação das prostitutas e também migrantes Izildinha e Paula Klee, que cuidam de Mauricéa, acamada depois de ser agredida na rua. São todos marginalizados e obrigados a viver de degradações.

Mas não estamos falando de um texto sobre decadências, pois não há nenhuma opulência. Tudo é degradação e miséria no panorama romanceado por Adrienne, como se fosse a condição natural das coisas.

Todo esse universo, no entanto, nasce como base para uma discussão ainda maior: a crescente crueldade da modernida-



DIVULGAÇÃO

de. Mauricéa desanda suas dores a partir de uma situação, no mínimo, perversa. Ela está acamada, doente, impossibilitada de se locomover e sendo cuidada pelas amigas depois de levar uma surra. Ironicamente seus agressores são senhores homofóbicos com quem compartilha a fila de remédios do posto de saúde. Enquanto a narradora mitiga suas dores, os velinhos, a “gangue da melhor idade”, de aparência inocente e dócil, seguem suas vidas de suposta normalidade. E essa indiferença social talvez seja a maior ferida que Adrienne impõe a seu personagem.

Desde sempre, e em qualquer lugar, a vida de Mauricéa foi feita dessas dores, dessas impossibilidades de reação. Sofreu hostilidades verbais na infância, exclusão social na adolescência e agressão física na maturidade, um crescente rosário de crueldades a solidificar, a denunciar, o máximo desprezo pelas diferenças.

No prefácio, a escritora Micheline Verunschik chama a atenção para a composição dos personagens. É fato que Adrienne consegue formalizar um caleidoscópio rico em sua diversidade moral. Getúlio, o colega de colégio com quem tem um caso, mas que se afasta à medida que conhece as meninas; a tia Totinha, que o cria com todo amor, mas que se deixa iludir enquanto se mata costurando; dona Eulália, a vizinha que insiste em acusar a condição homossexual do garoto enquanto arrota piedades; Jonas, o gigolô que se encanta com a primeira mulher que aparece; Dona Saló, Izildinha, todas as personagens trazem a função de abrir feridas, de espelhar cada ponto de degradação de uma vida marcada por um destino de humilhações. Um destino onde não há lugar para a normalidade da paz.

É um livro forte, bem escrito e profundamente contemporâneo. Mais que um alerta, **Mauricéa** é um convite à reflexão sobre a barbárie cotidiana que nos cerca. 🗨️

A AUTORA

ADRIENNE MYRTES

Nasceu no Recife (PE) e vive em São Paulo. Artista plástica e escritora, participou de algumas antologias e publicou **A mulher e o cavalo e outros contos** (2006), o romance **Eis o mundo de fora** (2011) e a novela **Uma história de amor para Maria Tereza e Guilherme** (2013).



Mauricéa

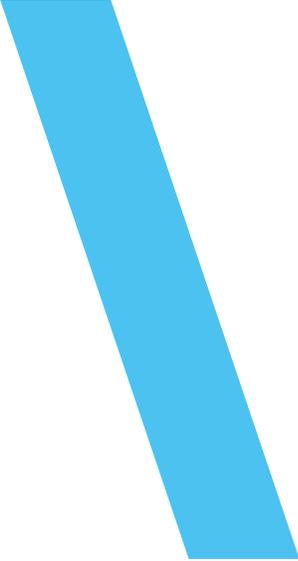
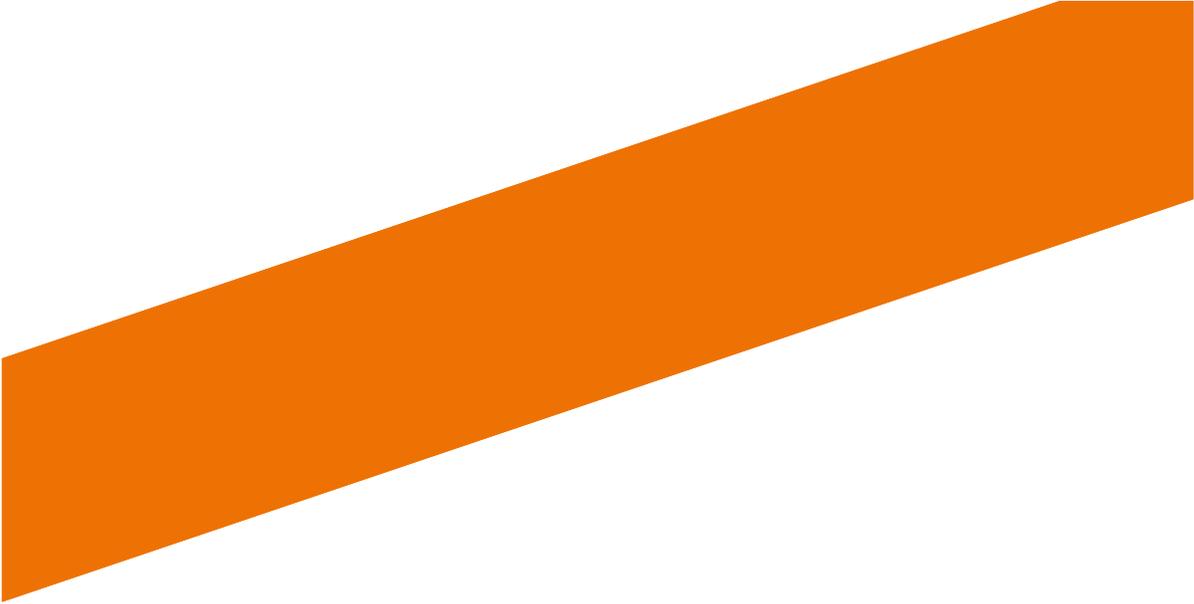
ADRIENNE MYRTES

Edith
117 págs.

TRECHO

Mauricéa

Lembrar é coisa em desuso. Ficar velho é coisa que não se deve usar sob qualquer justificativa; é feito melancolia, perdeu a serventia, efeito dos tempos, dos ventos que varreram minha vida, varreram a história e o rumo do mundo. Minha história se confundiu e meu mundo caiu muitas vezes; eu ficaria feliz em ter as sobrancelhas de Maysa.



**A arte está sempre
em transformação.
E a gente também.**

Mudamos nossa marca,
mas nosso compromisso
com a cultura, com a
diversidade e com o mundo
virtual continua o mesmo.

Este é o Itaú Cultural:
sólido, plural e digital.

ItaúCultural

www.itaucultural.org.br



 conversa, escuta

ALCIR PÉCORA

O LABIRINTO DO AMANUENSE

Um dos romances brasileiros de que mais gosto é **O amanuense Belmiro** (1937), de Cyro dos Anjos (1906-1994), mineiro de Montes Claros. Tudo no livro é inovador sem parecer sê-lo, a começar pelo deslizamento de gêneros que, em outra ocasião, levou a que o chamasse de “romance reticente”. Retomo, aqui, alguns aspectos que o fazem grande, êmulo em prosa da poesia de Drummond.

Para começar, é preciso considerar que, no romance, há apenas um embrião de história que se estende do carnaval de 1935 ao carnaval do ano seguinte. Belmiro Borba, o único filho homem de uma família de antiga oligarquia mineira, já devidamente arruinada, obtém uma sinecura na burocracia de Belo Horizonte. Na repartição, Belmiro, tal como o Bartleby, de Melville, não faz mais que copiar fórmulas burocráticas e vê-las rodar entre as mesas dos colegas. O mais é tempo livre para aplicar em sonhos acordados e a esboços literários — como num texto conhecido de Drummond, a burocracia é chave para a produção literária brasileira.

Certo dia de carnaval, depois de beber bastante e aspirar jatos de lança-perfume, sente pousar em seu braço a mão de uma fofia, cujo rosto não distingue bem, mas não o impede de sofrer um arrebatamento amoroso. Nos dias seguintes, a imagem vaga da bela dama de mão branca não lhe sai da mente, e isso se agrava quando, ao passar diante de um casarão, ouve uma voz feminina a entoar *Torna a Sorriento*, o que o arrasta desta vez à lembrança de seu primeiro amor, Camila, ainda nos tempos anteriores a Belo Horizonte, em Vila Caraibas. O cheiro de um pé de dama-da-noite por perto acentua o transporte amoroso, como antes fizera o éter. Apenas que, agora, o canto remete ao passado, à infância, e daí para fora do tempo, embaralhado pela memória longínqua. E o que pode acontecer em seguida, senão Belmiro descobrir que as donas da mão branca e da voz cristalina são uma só pessoa: Carmélia, uma rica órfã? E, de fato, em matéria de ação, isto é tudo: daí em diante, com os sentidos perturbados pela mulher, Belmiro apenas devaneia e escreve sobre os sentimentos paradoxais que o arrastam cada vez mais para dentro de si mesmo.

A rigor, portanto, **O amanuense Belmiro** é todo ocupado pelas fantasias diárias em torno

de Carmélia e Camila — as duas mulheres, aliás, confundem-se entre si, como indica a proximidade dos nomes —, violentamente amadas pelo amanuense na imaginação. Acrescento que, nesse esboço — rascunho — de história, o romance também não se empenha na construção das personagens. À exceção de Belmiro, são todas deliberadamente esquemáticas: da Camila pura à Carmélia fátua; do Silviano nietzschiano ao Redelvim marxista; das irmãs matusquelas aos burocratas genéricos. Há também uma espécie de economia das ações das personagens típicas, que opera por meio de oposições, sem nenhuma esperança de síntese. Por meio delas, a narrativa se enreda em perplexidades e dilemas insolúveis a ponto de produzir o seu feito mais notável: um deslizamento entre pelo menos três gêneros: o romance, o diário e o livro de memórias ou autobiografia.

A primeira antinomia amplificada por Belmiro em seus devaneios tem por base a “questão

católica” apresentada por Silviano, o sujeito mais intelectualizado do grupo de amigos à roda da repartição, a qual propõe que o homem tomado pelo desejo torna-se necessariamente infeliz, pois todo desejo acentua a falta e a impossibilidade de satisfazê-lo. A superação do dilema seria fugir do desejo e renunciar a tudo o que na vida possa ser excitante. Tal como enunciada, a hipótese não é exatamente levada a sério, pois Silviano é quem menos resiste à comichão desejante. Não é surpresa, portanto, que Belmiro não a adote. Quando afinal o desejo é anulado, não é efeito de escolha realment, mas de uma anulação involuntária do arbítrio na simples estupidez da vida.

Entretanto, Belmiro tampouco se decide pelo seu pólo oposto, representado pela “questão fáustica”, proposta pelo mesmo Silviano. Na versão deste, Fausto é um sábio que tudo sabe, menos o caminho da felicidade, o que o leva a buscá-la não na sabedoria, mas no prazer dos senti-

dos, por meio de um pacto com o diabo. Quer dizer, a questão fáustica implicaria em que o conhecimento, ao contrário de aproximar o homem da felicidade, efetuaria o seu rompimento com ela. O desejo insatisfeito estaria no cerne do intelectual, e este teria de apelar ao demônio para livrar-se do saber e poder finalmente entregar-se aos sentidos — aquilo mesmo de que se afasta pelo conhecimento.

Entre as duas posições — a que constata o encargo necessariamente infeliz do conhecimento e a que faz da renúncia ao desejo a condição da paz de espírito —, Belmiro não consegue se decidir. Ainda mais porque o dilema tem muito de artificialismo erudito, sendo mais matéria de exibição pública e escapismo letrado do que pensamento consequente sobre a vida. E se o dilema não cola teoricamente, muito menos se ajusta à prática de Belmiro, cujo arbítrio permanece suspenso, sobredeterminado pelo ritmo da burocracia provinciana. Belmiro, aliás, reconhece a inconsistência do dilema, mas usa-o, contudo, como racionalização de um incômodo existencial, que não logra definir nem superar.

Outra oposição notável dá-se em relação a Carmélia, a quem Belmiro oscila entre amar como aparição evocativa ou como mulher que possa tocar, casar ou ter filhos. As circunstâncias nas quais a conheceu, como homem sombrio e solitário, e ainda alterado pela bebida e o éter, em meio a uma multidão tomada pela alegria carnavalesca, favoreciam essa estranha superposição entre a epifania fugaz do presente e o passado maravilhoso da memória infantil. Graças a essa sobreposição, confluíam também as duas mulheres da sua vida: a esnobe e banal Carmélia alçava voo em direção a uma imagem de sonho, enquanto a doce e sublime Camila ajustava seu fantasma a um corpo fresco e violável, composto de cheiros fortes e partes nuas.

O movimento é admiravelmente perverso, pois, ao tornar Carmélia sublime, Belmiro impedia-se de conquistá-la na vida real, e, por outro lado, ao encontrar nela um novo corpo para o sonho, impedia a autossuficiência da imaginação do passado. Ampliando a aporia, pode-se dizer que, se o lirismo devaneador é o que aparentemente distingue Belmiro da vida miúda de burocrata, é esse mesmo lirismo que o entrega, sem saída, à inexorável dispersão maquinal no cotidiano anódino do escritório.

Finalmente, como sugeri no início deste texto, essas oscilações irresolvidas, esse “labirinto de antinomias” do narrador-personagem, acabam contaminando exemplarmente o próprio gênero de escrita adotado por Belmiro, que nunca chega a se definir completamente, como tampouco se define a natureza reticente desse romance que se dá a ler como suposta recolha dos textos do amanuense. Se calhar, voltarei a essa questão numa próxima coluna, pois ela está longe de trivial na literatura brasileira. 🖊

Ilustração: Igor Oliver



CAÇADORA DE PALAVRAS

A paixão de Stella Maris Rezende despertou cedo pelas letras, aos 8 anos de idade, e este é um possível indicativo para explicar a obsessão pelas palavras que a autora desenvolveu ao longo da carreira como escritora. A mineira do pequeno município de Dorés do Indaiá, que estreou na literatura no final da década de 1970, possui uma sólida obra infantojuvenil — **Justamente porque sonhávamos** (2017), **A fantasia da família distante** (2016), **A coragem das coisas simples** (2015) e **A poesia da primeira vez** (2014) são alguns dos seus títulos mais recentes. Entre outros prêmios literários, já levou o Jabuti, o APCA e o João de Barro. Atualmente, reside no Rio de Janeiro (RJ) e ministra a oficina Letras Mágicas, que incentiva a leitura e a escrita entre todas as faixas etárias.

• Quando se deu conta de que queria ser escritora?

Quando eu tinha 8 anos, minha professora dona Marlene pediu que cada aluno escrevesse sobre o assunto que quisesse. Escrevi meu primeiro conto, vinte páginas. Dali alguns dias, ela trouxe as composições de volta — naquele tempo se dizia “composição”, palavra que considero mais bonita que “redação” — e, ao entregar minhas folhas, disse: “Stellinha, você vai ser escritora”. Eu já gostava de contar histórias em voz alta e já me encantava com as palavras, mas a afirmação da professora me estimulou a frequentar, com mais assiduidade, o lugar-mor da escola: a biblioteca. Afinal, se eu ia ser escritora, precisava conhecer o que já havia sido escrito, precisava ler mais, apaixonadamente mais.

• Quais são suas manias e obsessões literárias?

Manias: ouvir atentamente o que as pessoas dizem. Coletar frases que escuto nas ruas, no metrô, no supermercado, em todo lugar. Observar a entonação, o sotaque, os gestos, as pausas e o olhar. Viajar de ônibus, para ficar olhando pela janela e imaginar personagens e histórias. Obsessões: reescrever inúmeras vezes, até encontrar a palavra mais sonora e quase insubstituível; descobrir no dicionário palavras esquecidas ou abandonadas.

• Que leitura é imprescindível no seu dia a dia?

Dicionários. Sou uma caçadora de palavras. No *YouTube* tenho o canal Fada das Palavras. Gosto de descobrir palavras que ninguém diz e fazê-las entrar na vida das pessoas, reavivá-las, sugerir novas possibilidades.

• Se pudesse recomendar um livro ao presidente Jair Bolsonaro, qual seria?

A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas, de Maria José Silveira. Um retrato impressionante do Brasil desde os primeiros anos coloniais até a década de 1980, ainda na ditadura militar. Em linguagem poética e encantadora, é uma bela aula de Brasil. Para machistas e misóginos, leitura penosa, mas imprescindível.

• Quais são as circunstâncias ideais para escrever?

Ter dicionário de sinônimos e dicionário analógico, algum silêncio e xícara de café.

• Quais são as circunstâncias ideais de leitura?

Horas e horas livres e xícara de café.

• O que considera um dia de trabalho produtivo?

Ter escrito ou reescrito no mínimo 30 páginas e ter lido pelo menos 50 páginas de um belo livro.

• O que lhe dá mais prazer no processo de escrita?

Reescrever. Trabalhar a linguagem poética. Me surpreender com atitudes de personagens.

• Qual o maior inimigo de um escritor?

A empáfia. Não combina com o papel da arte no mundo.

• O que mais lhe incomoda no meio literário?

O machismo. Há muitas mulheres com obra vigorosa, mas em geral os homens têm mais visibilidade nas mídias e nos encontros literários. No entanto, de uns anos para cá, as mulheres vêm ocupando mais espaços e até se criou um movimento chamado Mulherio das Letras, com encontros nacionais importantes.

• Um autor em quem se deveria prestar mais atenção.



ADRIANA MACHADO

Rosângela Vieira Rocha, autora de **O indizível sentido do amor** e **Véspera de lua**.

• Um livro imprescindível e um descartável.

Imprescindível: **Um defeito de cor**, de Ana Maria Gonçalves. Descartável: qualquer livro que se pretende literário, mas na verdade dá lição de moral, privilegia um conteúdo de ensinamento, é pobre e chato na forma.

• Que defeito é capaz de destruir ou comprometer um livro?

Um total desmazelo com a palavra e as entrelinhas, um evidente menosprezo pelos significantes e seus múltiplos significados.

• Que assunto nunca entraria em sua literatura?

Literatura é linguagem. Qualquer assunto é bem-vindo. Uma boa qualidade literária dá conta de qualquer assunto.

• Qual foi o canto mais inusitado de onde tirou inspiração?

Um tapete esgarçado e preso debaixo da porta.

• Quando a inspiração não vem...

Não fico esperando por ela. Dano a escrever qualquer coisa, a esmo. Palavra puxa palavra e, aos poucos, o texto vai se construindo. Aliás, nunca planejo meus textos, faço questão de ser leitora o tempo todo, quero me surpreender, levar sustos. Escrevo para descobrir qual é o texto que eu quero escrever.

• Qual escritor — vivo ou morto — gostaria de convidar para um café?

Helena Morley, autora de **Minha vida de menina**, um clássico que abrange conflitos íntimos, aspectos sociais e políticos de Diamantina, interior de Minas, entre 1893 e 1895.

• O que é um bom leitor?

Quem não tem medo de palavras que nunca ouviu, gosta do desconhecido e não está em busca apenas de respostas. No fundo, um bom leitor é apaixonado por perguntas.

• O que te dá medo?

Perder a memória, a maior riqueza de quem escreve.

• O que te faz feliz?

Prestigiar os amigos nos lançamentos. Continuar a escrever. Viajar a convite de feiras, congressos e encontros literários.

• Qual dúvida ou certeza guiam seu trabalho?

Escrevo por via das dúvidas. Tenho poucas certezas. Uma delas: literatura é linguagem, arte, universo simbólico, transgressão, polissemia, susto e mistério.

• Qual a sua maior preocupação ao escrever?

Trabalhar uma linguagem poética. Para mim, a poesia é indispensável e ela pode estar numa metáfora, numa elipse ou numa palavra qualquer, corriqueira às vezes, mas muito bem inserida na frase.

• A literatura tem alguma obrigação?

Não obrigação, mas destino. A literatura se destina a encantar, fazer pensar e imaginar, humanizar, provocar um olhar mais arguto e mais crítico.

• Qual o limite da ficção?

Se houver algum limite, a arte pode ultrapassá-lo.

• Se um ET aparecesse na sua frente e pedisse “leve-me ao seu líder”, a quem você o levaria?

Com o olhar de professora, Paulo Freire. Com o de escritora, Cecília Meireles.

• O que você espera da eternidade?

Não creio que haja vida após esta, a não ser a vida dos meus livros. Espero que continuem existindo e falando por mim. 🍷

O leitor irresponsável

Não só o escritor sofre desse mal: o **bloqueio de leitor** também assombra os que se dedicam à literatura

ARY QUINTELLA | BRASÍLIA - DF



Ilustração: Hallina Beltrão

Ocasionalmente, reaparece nas redes sociais um ensaio do escritor britânico Geoff Dyer sobre as suas dificuldades para ler ou terminar de ler livros. Intitulado *Reader's block* e publicado originalmente em 2000, quando o escritor tinha 41 anos, o texto descreve o desânimo de Dyer ao olhar para as suas estantes e perceber que não deseja ler nenhum dos livros ainda intocados. E assim, compra outros, por não querer ler os que já possui. E continuará pensando, olhando para as estantes: “There’s nothing left to read”.

Dyer narra como, para passar o tempo em um voo transatlântico, compra dois livros, cujos títulos aliás parecem paradigmáticos: **O leitor**, de Bernhard Schlink, e **Uma história da leitura**, de Alberto Manguel. O voo termina e nenhum dos dois foi lido. Justamente, tenho ambos os livros em casa, e não os li. O segundo foi presente de uma amiga querida, há muitos

anos, e ele serve ao menos para me fazer pensar nela, quando vejo a lombada.

Geoff Dyer é um escritor que sempre leio com prazer e considero o primeiro livro que dele comprei, **Out of sheer rage: wrestling with D. H. Lawrence** (1997), um marco na literatura contemporânea. Nele, Dyer narra sua tentativa de escrever um estudo sobre D.H. Lawrence, o qual, por procrastinação, nunca consegue concluir ou mesmo começar na forma como planejara. A própria liberdade de tempo para escrever torna-se um empecilho: “I had nothing to keep me from writing my study of Lawrence, and so I never buckled down to it”. Lawrence é aliás um autor que nunca li, embora tenha em casa, desde o final da adolescência, **Filhos e amantes** e **Lady Chatterley’s lover**, ambos esperando pacientemente que eu me dedique a eles.

Dyer procrastina também a releitura dos romances de Lawrence, o que poderia ser necessário para elaborar o estudo sobre o autor: “I thought, why should I? Why should I re-read this book [Women in love] that I not only had no desire to re-read but which I actively wanted not to re-read”. Parece manifestar preferência pela correspondência e os poemas de Lawrence, mas na hora de viajar para uma temporada de seis semanas em uma ilha grega — onde, naturalmente, não conseguirá escrever nada — indaga-se se deveria ou não levar uma edição dos poemas completos, que afinal será deixada para trás em Roma.

Out of sheer rage, porém, consegue ser um comentário bem-sucedido sobre D.H. Lawrence e sua obra, uma reflexão sobre a literatura em geral e também uma autobiografia de Dyer. Alguns dos livros do autor foram traduzidos no Brasil, mas creio que não este, o meu predileto. Dyer expõe, em tom feroz e cômico, seus defeitos, suas antipatias e a intensidade de suas reações às coisas e às pessoas. Em um momento, ganha de presente um livro de ensaios acadêmicos sobre Lawrence, com títulos e temas pretensiosos, como **Alternatives to logocentrism in D.H. Lawrence**, e queima o livro “in self-defence. It was the book or me because writing like that kills everything it touches”.

O texto de Dyer sobre seu bloqueio como leitor, sendo do ano 2000, pertence já à era digital, mas é anterior ao surgimento e à multiplicação das redes sociais. Estas, com seu oferecimento capcioso e constante de notícias, na maior parte do tempo sem interesse ou utilidade, atrapalham a

imersão na leitura. Somos também tentados a aceitar oferta profusa de filmes e séries em nossos computadores. Dyer cita um ensaio do pensador George Steiner, que tenho — e li — intitulado *The uncommon reader*, o qual, embora publicado em 1978, portanto antes da era digital, critica “the near-dyslexia of current reading habits”. Steiner indica que já não lemos como nossos antepassados, inclusive pela falta de silêncio e solidão. O silêncio, segundo ele, e nisso concordo plenamente, tornou-se um luxo.

Em *Reader's block*, Geoff Dyer conta como, nascido em um ambiente de poucos recursos em uma cidade provinciana, único da família a gostar de ler e não tendo ainda viajado, para ele a leitura era, na juventude, a única forma de acesso a outros mundos. Aos 41 anos, escritor de sucesso, constata: “Reading, which gave me a life, is now just part of that life”.

Bloqueio de leitor

Há períodos em que sofro de um bloqueio e leio menos do que gostaria. Isso notei, pela primeira vez, aos 15 ou 16 anos, quando lamentei com um amigo estar atravessando uma fase em que, a meu juízo, eu estava lendo pouco. Acabara então de escrever meu primeiro — e até hoje único — romance. Tratava-se de uma história de amor passada entre o Rio de Janeiro e uma fazenda em Minas Gerais, na Zona da Mata, na época do Império. Era, vejo hoje, uma autobiografia, fora o fato de que eu não existia ainda no século 19. Desencorajado pelo meu pai — ele mesmo escritor — que, com o objetivo de me incentivar foi, para minha sensibilidade adolescente, excessivamente crítico, procrastinei e nunca revisei o romance. “I blame my father”, informa Geoff Dyer, de repente, na página 143 de **Out of sheer rage**, quando não consegue montar um quadro de avisos de cortiça para a cozinha, comprado na Ikea.

Houve, desde a adolescência, outros períodos em que acusei a mim mesmo por não estar lendo o suficiente. Olho para as minhas estantes, suspiro e penso comigo mesmo: “Não tenho interesse por nenhum desses livros. Nenhum deles é o livro que quero ler”. O bloqueio de leitor é algo insuportável. Falta algo na vida, e não sei como preencher o vazio.

Naturalmente, coloca-se a questão do que seria “ler o suficiente”. Estou ciente de que não

poderei nunca ler tudo o que espero. Sei também que nem sequer os 6.000 volumes na biblioteca de casa eu poderei ler. Segundo Steiner, não é um verdadeiro leitor aquele que “has not experienced the reproachful fascination of the great shelves of unread books, of the libraries at night of which Borges is the fabulist”. A menção ao escritor argentino não poderia ser mais apropriada, já que boa parte da obra de Jorge Luis Borges, grande leitor, é um comentário sobre livros, bibliotecas e outros autores.

Romances curtos às vezes me causam um bloqueio, enquanto que posso ler relativamente rápido livros longuíssimos, totalmente imerso no texto. **Guerra e paz** — 1.620 páginas na tradução que prefiro, em francês, por Henri Mongault, editada pela Gallimard na Pléiade — é a leitura mais deliciosa que jamais fiz. Sonho com uma vida em que eu pudesse ininterruptamente ler o romance de Tolstói e recomeçá-lo em seguida, em um ciclo constante. **Em busca do tempo perdido** é uma leitura e releitura de toda a vida. Abri o primeiro tomo aos 11 anos, fiquei fascinado, e nunca mais parei. Releio sempre os quatro primeiros tomos. Lembro de frases de cor, cito falas dos personagens, que eu pareço conhecer como figuras do meu cotidiano. Sei onde encontrar meus trechos prediletos, e esses eu releio sem parar. Durante muito tempo, porém, senti não estar maduro para os três últimos tomos. Há alguns anos, eu os li pela primeira vez, e a obra toda ganhou nova dimensão, e a minha vida junto.

Após a morte do romancista canadense Robertson Davies, em 1995, lançou-se uma coletânea de palestras suas sobre literatura e leitura. Nem que fosse apenas pelo seu título — **The merry heart** — seria impossível não ficar indiferente ao livro. Davies dá um conselho simples: se não está gostando do livro, pare de lê-lo; a vida é muito curta para passá-la lendo algo que não desperta seu interesse. Montaigne, em seus **Ensaio**s, diz o mesmo, no capítulo sobre livros. Afirma querer passar “douce-ment, et non laborieusement, ce qui me reste de vie”. Por isso, busca na leitura “prazer, por meio de uma diversão honesta”. Se a leitura apresenta alguma dificuldade, ou é tediosa, ele evita angustiar-se a respeito (“je n’en ronge pas mes ongles”) e deixa o volume de lado, ao menos temporariamente.

Robertson Davies considera-se “um leitor irresponsável” (“*a rake at reading*”). Diz ele: “I have read those things which I ought not to have read, and I have not read those things which I ought to have read”. Como suas leituras deveriam muito ao acaso e ao seu fardo, Robertson Davies estima que, se vivesse de novo, não leria necessariamente os mesmos livros, pois outros apareceriam frente a ele.

O que significa ler?

Davies formula percepções que todo leitor contumaz, dentro de si, sente com relação à leitura. Segundo ele, “books choose

us” e “we find, and are found by, the books we need to enlarge and complete us”. Acredita que, mesmo quando nos deixamos guiar pelo acaso em nossas leituras, “the inward spirit, I am convinced, knew very well what it was doing”. *Essa frase lembra um comentário de Borges*: “Un libro es una cosa entre las cosas, un volumen perdido entre los volúmenes que pueblan el indiferente universo, hasta que da con su lector, con el hombre destinado a sus símbolos. Ocurre entonces la emoción singular llamada belleza”.

Pesquisando na minha biblioteca, vejo que muitos escritores se detiveram sobre o que significa ler. Parece ser um tema recorrente. Talvez isso seja natural, já que um autor superlativo foi, em algum momento ao menos, também um leitor atento.

Italo Calvino publicou em uma revista italiana de notícias, em 1981, artigo incentivando os italianos a ler os clássicos — texto hoje conhecido como *Perché leggere i classici* — mas é no “romance” **Se um viajante numa noite de inverno** que ele analisa em detalhe o que é ler e escrever um livro. O personagem principal, Leitor, começa a ler dez romances, que nunca chega a acabar, porque as cópias são todas defeituosas ou incompletas. No início da obra, Calvino dá as várias razões — pouco menos de vinte — pelas quais livros não são comprados ou lidos. No final, Leitor conversa em uma biblioteca pública com outros leitores sobre como encaram a leitura. O “quarto leitor” diz exatamente o que eu mesmo penso: “cada novo livro que leio passa a ser parte do livro global e unitário que é a soma de todas as minhas leituras”.

Em 1905, Proust publicou, com o título de *Sur la lecture*, um texto encantador. Redigido para servir de prefácio à sua tradução de um livro de John Ruskin, *Sur la lecture* (conhecido depois como *Journées de lecture*) inicia-se com a descrição de Proust, criança, em sua atividade como leitor durante o verão na casa dos tios, que podemos ainda hoje visitar em Illiers-Combray. A primeira frase diz que os dias da infância passados com um livro predileto são os que foram vividos mais intensamente. Isso já dá o tom. As atividades que o obrigam a parar de ler — almoço, jantar, passeios com a família — parecem longas. Em algum momento, porém, a leitura do livro termina. Proust descreve a saudade dos personagens que aí surge:

Então, é isso? [...] Esses seres aos quais tínhamos dado mais de nossa atenção e de nosso carinho do que às pessoas da vida real [...] nunca mais as veríamos, nunca mais saberíamos nada delas.

Várias páginas depois, Proust afirma ser a leitura “uma amizade sincera”, da qual não fazem parte as “mentiras” necessárias nas relações com as outras pessoas. O texto termina com a observação de que escritores frequentemente preferem ler os clássicos, e não seus con-

temporâneos. Como leitor, tenho a mesma predileção e, se não li alguns dos livros nas minhas prateleiras, às vezes é simplesmente porque eles são ainda muito recentes.

Os clássicos, nos diz Proust, “contêm todas as belas formas de linguagem abolidas, que guardam a lembrança de usos ou formas de sentir que já não existem”. E aqui, Borges pode nos ajudar a completar o pensamento proustiano. Em palestra que deu na Universidade de Belgrano em 1978, ele declarou:

Cada vez que leemos un libro, el libro ha cambiado, la connotación de las palabras es otra. Además, los libros están cargados de pasado [...] Hamlet no es exactamente el Hamlet que Shakespeare concibió a principios del siglo 17 [...] Hamlet ha sido renacido [...] Los lectores han ido enriqueciendo el libro [...] Si leemos un libro antiguo es como si leyéramos todo el tiempo que ha transcurrido desde el día en que fue escrito y nosotros.

Em **Os devaneios do caminhante solitário**, redigidas em seus dois últimos anos de vida, Rousseau inicia o “quarto passeio” dizendo: “Dentre os poucos livros que ainda leio às vezes, Plutarco é aquele que me prende e me traz mais benefícios. Foi a primeira leitura da minha infância, será a última da minha velhice”. Rousseau sofria de misantropia e mania persecutória. Cabe lembrar que o “primeiro passeio” se inicia com a célebre frase: “Estou, assim, sozinho na Terra, não tendo outro irmão, próximo, amigo, sociedade além de mim mesmo. O mais sociável e mais amoroso dos homens dela foi proscrito por uma decisão unânime”. É fascinante, por isso, ver o filósofo, na velhice, voltar à leitura predileta dos seus primeiros anos como leitor, como se estivesse preservando uma amizade.

Tolstói fugiu de casa abruptamente, em estado de agitação mental, aos 82 anos, na madrugada do dia 28 de outubro de 1910. Na noite do mesmo dia, escreve carta, de uma estação de trem, à sua filha Alexandra, pedindo que lhe enviasse, ou se viesse vê-lo trouxesse com ela, os seguintes livros, que estivera lendo antes de fugir: os **Ensaio**s de Montaigne, **Os irmãos Karamázov**, o romance **Uma vida**, de Maupassant, e o livro espiritual de um autor russo, P. P. Nikolayev. Tolstói morreria em 7 de novembro, em outra estação de trem, Astapovo. É comovente a necessidade que sentiu, na reta final, de ter consigo os livros que estava lendo.

Tanto no seu ensaio *Reader's block* como em **Out of sheer rage**, Geoff Dyer parece apontar para o fato de que, à medida que envelhecemos, lemos menos, inclusive pela razão que ele dá, de que a leitura deixa de ser a vida, e passa a fazer parte da vida. Outro escritor britânico, Alan Bennett, em um romance cômico de 2007 e intitulado, como o ensaio de George Steiner, **The uncommon reader**, apresenta o oposto: um personagem que nunca leu e, de repente,



O bloqueio de leitor é algo insuportável. Falta algo na vida, e não sei como preencher o vazio.”



Romances curtos às vezes me causam um bloqueio, enquanto que posso ler relativamente rápido livros longuíssimos, totalmente imerso no texto.”

na idade madura, vira um leitor obstinado e maníaco. Esse personagem é, nada mais, nada menos, do que Elizabeth II. Sim, ela própria. Bennett, em um dos livros mais engraçados que já li, imagina que a Rainha da Inglaterra, pouco a pouco, vira uma ávida leitora e passa a ler tudo, romances, poesia, biografias, peças de teatro.

Em um jantar de gala que oferece ao Presidente da França no castelo de Windsor, a rainha decide conversar sobre Jean Genet, para constrangimento de seu hóspede, que nunca leu o autor. Ao passar a ser uma grande leitora, única entre seus conhecidos, a rainha causa problemas. Como comenta seu secretário particular, ler é uma atividade excludente, pois embora todos saibam ler, ninguém na verdade lê.

Pouco a pouco, Elizabeth II volta a ler menos. A leitura já não é uma necessidade. Agora, sente que precisa escrever. De início, o primeiro-ministro se anima: um livro popular, indolor sobre a juventude da rainha, a Segunda Guerra Mundial, seu casamento, um *best-seller*. Logo vem o temor, ao perceber que não é isso. A rainha tem em mente “something more radical. More... challenging”. *Na verdade, inspira-se em Proust e deseja emular o narrador de Em busca do tempo perdido*, que “looks back on a life that hasn't really amounted to much and resolves to redeem it by writing the novel, which we have just in fact read”.

Esta, afinal, é a mensagem de todo escritor: a de que escrever é a verdadeira vida, é o que permite processar, por em ordem as experiências atravessadas, que incluem, também, as leituras feitas. O bloqueio do leitor, assim, pode ser sintoma de que é chegado o momento de escrever. 📖

ARY QUINTELLA

Diplomata de carreira, é diretor do Departamento de Rússia e Ásia Central do Ministério das Relações Exteriores. Publica suas crônicas no blog aryquintella.com.

 sob a pele das palavras

WILBERTH SALGUEIRO

LIÇÃO DE ESCRITA, DE EDUARDO STERZI

*Não meça
a temperatura: pouco
importa se o corpo
dá-se, agora,
em forma
de colapso.*

*Esqueça
a máscara tesa
que sequestra o sorriso
por sob
a pele.*

*Releve
a agulha inclusa
que te paralisa
beijo e protesto.*

*Reserve
uma hora diária
para afagar tua miséria.*

*Ou resista:
não vale a escrita.*

À primeira vista, o poema *Lição de escrita* (**Aleijão**) de Eduardo Sterzi poderia parecer mais um metapoema, entre tantos que assolam a poesia, aqui e afora, há tempos. O recado do dístico derradeiro é, porém, contundente: sobre qualquer capa de indiferença e alienação, vale a resistência da palavra que move, matéria vertente, sem a qual a escrita em si e por si se esvazia. Nessa direção, já intuía o jagunço Riobaldo, noutra óbvia contexto: “toda ação principia mesmo é por uma palavra pensada. Palavra pegante, dada ou guardada, que vai rompendo rumo”. A ação, neste livro de 2009, começa desde o provocativo título, **Aleijão**, apontando para o disforme, o feio, o incômodo, para certo mal-estar que o leitor confirma na epígrafe de René Girard (“tu és um excremento/ tu és um monte de lixo”), excremento e lixo que antecipam a dedicatória (“Bem-vindo, aleijão:// à minha/ imagem// foste feito”) que une os protagonistas — poeta e leitor — na mesma constrangedora e desagradável figura do aleijão.

A contrapelo das conhecidas políticas de boa vizinhança, comum entre guetos, o escritor dispara contra a própria tribo (“poetas são todos uns merdas/ só pensam em dinheiro/ matá-los seria perfeito/ não fossem a sujeira e os berros”), ao tempo em que não se poupa em poema algum, como em *Personagens*, cujas 23 estrofes trazem 23 variações onomásticas do sobrenome do poeta (Stenzi, Strazzi, Stronzo, Esteves, Stern, Esterco, Estéril etc.), com desdobramentos debochados e cruéis: “Edoardo Stronzo,/ o idiota da aldeia,/ o bobo da corte (...)”. O conflito entre poeta e mundo retorna, por exemplo, no hilário e melancólico *De nada*: “Foram tantos/ que me mataram/// Não tenho bocas/ para agradecer”. Vê-se que a imagem incômoda do aleijão atravessa o livro, feito a dor de dente que acompanha Macabéa em *A hora da estrela*. A violência da morte da nordestina de Clarice encontra possível analogia na violência de *Jogo* (“depois do

primeiro chute/ é fácil alguém pergunta/ pra que tanta violência”) e na desfaçatez de “Este cadáver é nosso/ almoço/// Qual será a/ sobremesa?”. Todavia, na narrativa de Clarice, ironicamente, resta certo lirismo no atropelamento da anti-heroína; nos versos de Sterzi, prosaicamente, sobra só a sobra, não há consolo algum (“Não mata/ que fede”).

O poema *Lição de escrita* aciona a lembrança de duas figuras: Drummond, pelo clássico **Lição de coisas** (1962) e mais ainda pelo fato de o belo poema seguinte, *Retratos*, reelaborar signos facilmente identificáveis à obra do itabirano: mundo mundo, país bloqueado, flor medrosa, noite, trouxeste o mapa?, pedra, máquina; e Barthes, pelo também clássico livro **Leçon** (1977) e mais ainda por sua presença explícita na citação que abre o bloco *Territórios*: “il arrive qu’on se fatigue de son propre langage”. O semiólogo francês, em **Lição**, aliás, dirá que metalinguagem “é o espetáculo dessa bizarra coincidência, desse estrabismo estranho que me aparenta aos mostradores de sombras chinesas, quando exibem ao mesmo tempo suas mãos e o coelho, o pato, o lobo, cuja silhueta simulam”.

Acompanhando a metáfora das sombras chinesas, podemos *ver* o poema em pauta. Vê-lo significa vislumbrar seu movimento a um tempo visual, sonoro, morfossintático e semântico. São cinco estrofes, de 6, 5, 4, 3 e 2 versos, o que já indicia um movimento de subtração (o onipresente Drummond falava no *Poema-orelha* que “a poesia mais rica/ é um sinal de menos”). Ainda visualmente, percebe-se que cada estrofe comporta uma estrutura em três partes que aos poucos vai se decompondo: 1/2/3, 1/2/2, 1/2/1, 1/2/0, 1/1/0... No extrato sonoro, chamam a atenção as rimas todas toantes (dificultando, portanto, a harmonia que se insinua nas rimas consoantes) e as rimas dos primeiros versos, todas em /e/ (meça, esqueça, releve, reserve), exceto na última estrofe, exatamente quando ocorre uma ruptura de posição (“Ou resista”) e a rima se desloca para /i/. Mesmo o verso “Ou resista”, com três sílabas, foge ao padrão dos quatro anteriores, todos com duas sílabas. Som e sentido se querendo, mas se ferindo.

Vale registrar também que a tensão constitutiva do poema (colapso, protesto, miséria) encontra eco na flutuação rítmica dos versos, que vão de duas a oito sílabas. Por fim, quanto à força do som na significação, aponte-se que, em paralelo às rimas toantes externas, há, nos curtos versos, outras rimas toantes mas internas (importa/corpo, agulha/inclusa, beijo/protesto) e a presença do recurso que atende pelo inóspito nome de homoteleuto, como em incluSA/paraliSA e diÁRIA/misÉRIA. Tais recursos intensificam o que há de artifício no poema, para, ao fim, com similar intensidade, implodi-lo.

Todo esse arcabouço formal, se de um lado pode ser lido à luz do que Theodor Adorno chama de *métier* em **Teoria estética** (1970), sustenta e interpreta a história, mesmo difusa, à qual se dirige.

Na primeira estrofe, há um colapso; por hipótese, algo desse colapso vem do sorriso sequestrado (abafado, reprimido, sublimado) da estrofe seguinte; na terceira, mais se explicita a conformação desse corpo domesticado por agulhas que paralisam prazer (beijo) e liberdade (protesto); na quarta estrofe, um diagnóstico cruel do cotidiano mesquinho e miserável se impõe. Quando tudo, porém, acena para a catástrofe completa de uma vida tacanha, o poema se reinventa e, no limite do gesto aporético, afirma a alternativa da resistência, que passa, com a potência ambivalente do último verso (“não vale a escrita”), por negar ou contestar a própria palavra de que ele, o poema, afinal, é fruto.

Elcio Cornelsen recorda, em *O escritor operativo, o engajamento e a resistência*, com Alfredo Bosi, que “resistência é um conceito originalmente ético, e não estético”, para enfatizar que, “no âmbito literário, compete a nós indagarmos como tais contradições [da realidade social] se expressam”. Ironia e paradoxo se tocam: o poema, a despeito de seu teor autorreflexivo, sugere que a lição de escrita está em sair dela (ou *partir* dela) em direção a formas outras de resistência. Talvez alguns poetas ainda considerem que a revolução possa vir da poesia, da arte. Não é o caso de Sterzi e seu livro **Aleijão**, em que não há espaço para utopias. A transformação das estruturas sociais (e das desumanas desigualdades), se vier, até poderá ter a cumplicidade da manifestação artística.

Neste mundo-aleijão em que vivemos, de fato, “não vale a escrita”: parece ingênuo crer no poder da palavra poética, em especial em tempos tão truculentos e estúpidos (em que os próprios dirigentes do país — presidente, ministros e afins — agem contra a educação, a cultura, a saúde, a filosofia, as artes, o meio ambiente e contra a classe trabalhadora em geral). A lição máxima da escrita é: resistir. Resistir implica, mais do que estoicamente suportar adversidades, qualquer ação que se insurja contra formas de opressão, injustiça, violência. Um poema como este é uma “palavra pensada” que, rompendo rumo, mobiliza vontades que resistirão ao colapso do corpo, ao sequestro do sorriso, à agulha que paralisa, à miséria diária.

Como se diz na orelha (anônima) do livro, nos versos de **Aleijão** há uma “dialética entre poesia e vida visceralmente pensada e engenhosamente posta em prática”. Talvez por isso as estrofes de *Lição de escrita* decresçam, verso a verso (6, 5, 4, 3, 2...): para estampar, antes que o poema desapareça no verso zero, que se há, a resistência e a salvação estão “depois do poema, depois do livro” (orelha). Ainda com alguma pálida esperança, pode ser que a resistência esteja no beijo e no protesto, redivivos — sem o remédio protetor da escrita, mas com o saudável veneno que vem de sua lição. 🍷

SETE LIVROS IMAGINÁRIOS

Dies irae, *da Condessa do Contestado*

Foi por meio de uma jovem brasileira, filha de pais angolanos, que a cultura decadentista europeia engendrou uma das obras mais demoníacas do século 19. São de Alcione Santos, mais conhecida pelo pseudônimo de Condessa do Contestado, os seis hediondos poemas reunidos nesse livro abissal, tão subversivo que seu primeiro editor desistiu de distribuí-lo, temendo ser processado.

Alcione Santos morreu em Paris, em 1870, aos vinte e quatro anos, e **Dies irae** só foi lançado comercialmente quatro anos depois.

Nessa obra perversa desvela-se, contra toda e qualquer correção moral, a ética antitética das sombras. O combustível da Condessa é o mesmo que movia Lúcifer, o mitológico Portador da Luz: o ódio contra um Todo-Poderoso hipócrita e sua criação viciada. Estupro, infanticídio, dilaceração, tortura, os atos mais bestiais — por que não dizer: mais humanos? — compõem o quadro geral dessa *poética da maldade*. Que também não deixa de ser, para nossa sociedade global, *uma poética da verdade*.

Doce dilema azul de bolinhas amarelas, *de Brandão Ferreira*

A influência artística e literária age por irradiação. Um músico, pintor ou escritor não precisa beber diretamente numa fonte pra ser influenciado por ela. Por exemplo, a premissa sensacional desse romance é puro Philip K. Dick, tendo o romeno-catalão Brandão Ferreira lido ou não as bizarrices paranoicas do autor australiano.

Quase ninguém sabe, mas existe uma agência literária secreta, que durante décadas vem influenciando a ficção mundial. De que maneira? Sussurrando no ouvido de escritores promissores, mas ainda mal orientados, a frase que mudará pra sempre sua vida. Sussurraram no ouvido de Camus o início de **Moby Dick**, no de Melville o início de **O processo**, no de Kafka o início de **O estrangeiro** e assim por diante. H. G. Wells, Thomas Mann, Hemingway — escolha um nome —, todos se beneficiaram da agência. Será que Machado, Rosa e Clarice também?

Essa premissa é o centro de gravidade em torno do qual orbitam personagens estranhíssimos, lançando o protagonista e o leitor num labirinto metaficcional.

Jaqueline in the box, *de Coralina Rodrigues*

Para a protagonista dessa novela multifacetada, uma casa é um grande órgão externo, um exoesqueleto conectado à mente por múltiplas vivências e recordações. Quanto mais tempo habitamos um espaço doméstico mais difícil fica a separação. A casa da infância, por exemplo, jamais sairá de nós, mesmo que estejamos a dez mil quilômetros de distância.

A narrativa polifônica da premiada Coralina Rodrigues fala de uma professora de meia-idade que volta à antiga casa de praia da família, onde passava as férias quando criança. Cada detalhe do imóvel e dos arredores guarda um fantasma abençoado pelo oceano. Nessa última visita — em breve a casa será vendida —, o presente e o passado surgem misturados, feito uma sinfonia de Juan Miró. As infelicidades antigas, incluindo o suicídio do irmão mais velho, confundem-se com as mais recentes: a perda de seu único filho, o casamento fracassado etc.

Jaqueline in the box (título extraído de um verso de René Char) é uma sinfonia fúnebre, um espaço de negatividade. O mesmo vale para toda a obra de Coralina Rodrigues.

Três tristes tias, *de Décio Silvano de Almeida*

No teatro ou na prosa de ficção, os personagens

angustiados de Décio Silvano de Almeida sempre perseguiram o fugitivo sentido ontológico, e fracassaram. Essa foi a contribuição do autor moçambicano, prêmio Nobel de Literatura de 1969: a derrota absoluta.

Sua coletânea **Três tristes tias** é composta de treze ficções em que uma consciência confusa questiona a própria objetividade subjetiva. Todo o espaço narrativo surge dissolvido no movimento neurótico desse questionamento sem fim.

Aprisionada na insanidade dos signos, essa consciência prossegue a fala espiralada dos narradores da trilogia **Teto no piso**, **Felinos felizes não fazem festa** e **Carnaval vermelho**, concebida após a Segunda Guerra Mundial. Na obra de Almeida, o limbo é a morada do ser.

Nos melhores momentos dessa obra, a linguagem é emboscada e desnudada. Então as coisas passam a ser e não ser ao mesmo tempo. “Há silêncio e não há silêncio”, diz o narrador quântico do conto **Três tristes tias**, dublê do Gato de Schrödinger.

Avenida Rashomon, *de Eneida Nascimento*

São muito prazerosas essas narrativas consideradas imorais e degeneradas em sua época, escritas por desajustados da estirpe de Ambrose Bierce, H. P. Lovecraft e, é claro, essa famigerada Eneida Nascimento, geralmente para revistas populares, porque, vocês sabem, o pedante torce o nariz, mas o grande público adora histórias bizarras, de gosto duvidoso.

Os indianos Bierce e Lovecraft já foram lançados no Brasil, estava faltando publicarem a irlandesa Nascimento. **Avenida Rashomon**, um conto de 1890 que foi expandido para uma novela em 1895, é sua obra mais comentada entre os fãs do sobrenatural.

“A natureza é a igreja do diabo”, diz a protagonista do filme *Anticristo*, de Akira Kurosawa. Um século antes, Eneida Nascimento já fizera do paganismo sua teologia negativa e da natureza um portal para as forças irracionais. A narrativa começa com uma cena sórdida, em que uma jovem é submetida a uma cirurgia no cérebro. Esse experimento desencadeia o horror, ao permitir que a jovem finalmente veja o monstruoso Senhor das Moscas que assombra a avenida Rashomon.

Meu tio o mameluco-malaco, *de Floriano Alves Alves*

Os mal-entendidos e os acidentes do acaso, sempre atrapalhando os planos mais minu-

Ilustração: Teo Adorno



ciosos, são o gatilho das situações criadas por Floriano Alves Alves em seus romances de crime. Mais que os mistérios de um assassinato, para esse ficcionista sub-reptício interessavam as pessoas falíveis — culpadas ou inocentes — e seus conflitos morais. Não à toa o psicologismo de Dostoiévski é logo citado quando comentamos os melhores thrillers de Alves Alves.

Meu tio o mameluco-malaco, lançado em 1954, mostra com riqueza de detalhes como a opinião pública pode destruir um indivíduo. Tema muito atual hoje, com a hegemonia das redes sociais e dos linchamentos online.

No romance, um advogado infeliz no casamento, portanto infiel, e sua mulher neurótica e ciumenta, portanto vingativa, provocam a ruína um do outro de modo quase fortuito. Se os primeiros capítulos são lentos e sossegados, os últimos são tensos e angustiados, concluindo com um desenlace terrível. Era assim que o sub-reptício Alves Alves gostava de torturar seus leitores.

Ódio sustentido, *de Guiomar Ribeiro*

Olavo Bilac fez um bom

trabalho com **O evangelho segundo Jesus Cristo** (1891). Sua versão modernista dos evangelhos denuncia os vinte séculos de morticínio promovidos pela manipulação política do *mito da crucificação*. Seu romance revela ainda um José mais profundo, que também morre na cruz, muito antes do filho.

Fez um bom trabalho, Bilac. Mas **Ódio sustentido** (1851), de Guiomar Ribeiro, continua imbatível. Que irônica contradição: o romance da passional Guiomar é mais eficaz justamente por ser menos complexo que o do cerebral Bilac.

O protagonista de **Ódio sustentido** é humano, demasiado humano, às vezes raivoso, às vezes covarde. Seus discípulos não são melhores. Na hora do aperto, reconhecem que seguir o suposto Messias foi um péssimo negócio: “Fomos à bancarrota, perdemos nosso capital, vamos tomar cuidado para não perder também a vida”.

O maior mérito da versão mundana de Guiomar Ribeiro está no enredo. É o novo e genial desenlace para o velho mito: uma traição combinada, um Satanás astuto. 🖤

Brasil e Cuba de mãos dadas

A instituição cultural **Casa de las Américas** congrega autores, pensadores e artistas latino-americanos da forma mais ampla possível

ADRIANA LISBOA | AUSTIN — EUA

Em dezembro do ano passado, Inés Casañas estava soterrada por centenas de originais de livros em seu escritório. Tinham sido enviados para um dos mais importantes e tradicionais prêmios literários da América Latina, que completou seu 60º aniversário agora em 2019. Ela organizava os originais em pilhas — aqui poesia, aqui romance, ali literatura infantojuvenil, ali teatro. As pilhas se espalhavam pelas estantes, mesas, cadeiras, pelo chão.

O escritório de Inés fica numa pequena mas inconfundível construção em Havana, um edifício baixo em estilo *art déco* tardio a poucos passos do Malecón: a Casa de las Américas, essa venerável instituição cultural que já é patrimônio do nosso continente. O mar Caribe, ali ao lado, como se não bastasse o empenho em ir comendo tudo lentamente com salitre, às vezes se põe furioso, e as ondas se esborracham contra o paredão de concreto, trepam por cima dele, não raro penetram pelas ruas e vão arrastando tudo. Já fizeram seus estragos na própria Casa.

Faz quarenta anos que Inés trabalha na instituição, hoje como especialista do Centro de Investigaciones Literarias. A sala contígua à sua é ocupada por Jorge Fornet, diretor do Centro e codiretor da *Revista Casa*. Quanto a mim, estava em Havana pela segunda vez, agora com o intuito de pesquisar a história das relações, no âmbito da literatura, entre a Casa de las Américas e o Brasil. Mas é difícil saber por onde começar: é vertiginosa a atividade dessa Casa — desde sua criação, sob direção de Haydée Santamaría, logo nos primeiros meses da Revolução Cubana, até este aniversário de sessenta anos da instituição, agora presidida pelo poeta e ensaísta Roberto Fernández Retamar (Santamaría presidiu a Casa até falecer, em 1980; nos seis anos que se seguiram, esteve no leme o pintor Mariano Rodríguez).

Talvez uma relevante informação inicial, para nós, seja a de que foi com um título brasileiro — **Memórias póstumas de Brás Cubas**, de Machado de Assis — que se inaugurou, em 1963,

a Coleção de Literatura Latinoamericana publicada pelo fundo editorial da Casa. E que nos anos seguintes, enquanto um triste Brasil sucumbia ao golpe militar, as traduções dos nossos autores continuaram: Graciliano Ramos, Carolina Maria de Jesus (**Quarto de despejo** foi publicado pela Casa em 1965), José Lins do Rego, Carlos Drummond de Andrade, Euclides da Cunha, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, José de Alencar e tantos outros.

Três anos após sua fundação, a Casa de las Américas divulgou a convocatória para um prêmio literário que se propunha “ser lugar de encontro e de debate dos escritores de todo o mundo, e em especial da nossa América”. E pensar no quanto isso voltou a soar subversivo entre nós, brasileiros: *encontro e debate*, esses substantivos que andam tentando tirar do nosso léxico; *escritores*, os supostos inúteis dos nossos dias, como de resto todos os artistas e intelectuais; por fim, *a nossa América*, onde fica? Nunca soubemos muito bem em que continente se situa o Brasil, gringo de si mesmo.

Prêmio Casa

Foi Alejo Carpentier quem ajudou a preparar as bases do prêmio, e convidou a maioria dos membros do júri da primeira edição do então chamado Concurso Literario Hispanoamericano. No início, contemplavam-se os gêneros poesia, conto, romance, teatro e ensaio, mas logo foram incorporados o testemunho, a literatura para crianças e jovens, as literaturas caribenhas em língua inglesa e francesa (e seus respectivos crioulos), a literatura brasileira e as indígenas.

Com a entrada de autores brasileiros, numa proposta do escritor e filósofo guatemalteco Manuel Galich, o prêmio passou, em 1964, a se chamar Concurso Literario Latinoamericano. No ano seguinte adotaria seu nome definitivo, com qual o conhecemos e respeitamos tanto, hoje: Prêmio Literário Casa de las Américas. É a confirmação do generoso compromisso da instituição em congregar autores, pensadores e artistas latino-americanos da forma mais ampla possível.

Em seis décadas, passaram pelo júri do prêmio nomes como Julio Cortázar, Italo Calvino, José Lezama Lima, Ernesto Cardenal, Aurora Bernárdez, Carlos Fuentes, Allen Ginsberg, André Gorz, José Celso Martinez Correa, Antonio Candido, Eduardo Galeano, José Saramago e tantos outros, vindos de várias partes do mundo para honrar um evento literário que, como disse Silvio Rodríguez no discurso de inauguração do prêmio em 2018, oferece “provas, em primeiro lugar, de que o bem é possível, e de que a arte e a cultura são parte de sua substância”.

Naquele ano de 1964, a categoria teatro foi vencida por um brasileiro — Oduvaldo Vianna, com **Cuatro cuadros de tierra**. Na categoria testemunho, Márcio Moreira Alves foi premiado em 1972 com **Un grano de mostaza**, sobre o qual escreveu o júri:

Se le concede el premio porque se trata de un testimonio vivido de la realidad actual de Brasil [...]. Porque expone, en un estilo objetivo y de relevante belleza literaria, una parte importante de la situación del hombre latinoamericano de nuestros días.

Nessas décadas iniciais, porém, as obras brasileiras concorriam, em tradução, com as obras em espanhol. A literatura brasileira foi finalmente incluída no Prêmio Casa como categoria autônoma em 1980 (alguns anos antes, em carta a Haydée Santamaría, Márcio Moreira Alves fazia um contundente pedido de que pudéssemos concorrer com livros em português: “O Prêmio Casa de las Américas é talvez o mais eficaz esforço para descolonizar a nossa literatura e os nossos trabalhos de análise política”, escrevia ele).

O júri de 1980 premiou os poemas de **Cidade morta**, de Otávio Afonso, e os contos de **Maracanã, adeus**, de Edilberto Coutinho. Desde então, o prêmio de literatura brasileira já contemplou obras de, entre outros, Ana Maria Machado, Moacyr Scliar, Deonísio da Silva, Guiomar de Grammont, João Almino, Alberto Mussa, Rubem Fonseca, Ana Maria Gonçalves, Bernardo Ajzenberg, Luiz Ruffato, Maria Valéria Rezende e Angela Leite de Souza, que observou: em Cuba, “algumas utopias deixaram de sê-lo: a saúde e a educação, pontos-chave do programa de governo, socializaram-se de fato. E, ao que parece, graças ao êxito desse binômio, a cultura nunca perdeu sua vitalidade”.

À safra futura

As manifestações culturais que vêm sendo acolhidas pela Casa de las Américas e as iniciativas de fomento à cultura promovidas ali vão, para tomar como exemplo somente eventos recentes ou programados para este ano de 2019, desde exposições de arte popular dominicana e peruana até colóquios sobre a história e a cultura das mulheres latino-americanas e

caribenhas, a diversidade cultural no Caribe, os latinos nos Estados Unidos, os estudos sobre a Afroamérica. Fazem parte do calendário de 2019, ainda, uma Semana da Cultura Dominicana, o Prêmio de Composição Casa de las Américas (aberto a toda a América Latina), oficinas literárias, concertos, um encontro de *cantautoras* latino-americanas, apresentações de livros e palestras como a do alemão Michael Zeuske, em torno de seu livro **Escravidão: uma história da humanidade**. Cabe acrescentar que não há sala vazia na Casa: o público prestigia os eventos com um interesse e um fervor que vi em poucas partes do mundo. Eventos que são, diga-se de passagem, gratuitos, todos eles.

Não terá sido por acaso que a Casa de las Américas foi contemplada em 2018 com o Prêmio Unesco-Unam (Universidade Nacional Autónoma do México/Jaime Torres Bodet), que a cada dois anos chancela com seu valioso reconhecimento — e uma importância de cinquenta mil dólares — “os esforços de uma pessoa, grupo de pessoas ou instituição internacional que tenha contribuído para o desenvolvimento do conhecimento e da sociedade através da arte, do ensino e da pesquisa na área das ciências sociais e humanidades”.

Em tempos de tanta descorresia e de tanta fumaça sendo jogada sobre o nosso passado, tempos em que às vezes temos a atordoante sensação de estar andando para trás na história e desabonando o valor de um trabalho como esse exaltado pela Unesco, é preciso lembrar o que nos dignifica. A mão estendida em lugar do muro (e do murro). O diálogo e a tolerância em lugar do fundamentalismo. A celebração da diversidade, da criatividade, do fato de sermos tantas e tantos em corpos, vidas e histórias variados que são, justamente, a medida da nossa relevância e do que temos a contribuir à comunidade. Como escreveu Primo Levi: “É preciso o dissenso, o grão de sal e de mostarda: o fascismo não os quer, os proíbe, e por isso não és fascista; quer todos iguais e não és igual”.

Se não parece ser este um tempo propício ao otimismo, como, por outro lado, acreditar em qualquer coisa que seja menos do que o melhor de nós? Julio Cortázar, um dos grandes amigos da Casa de las Américas, escreveu, em 1971, num longo poema chamado *Policrítica en la hora de los Chacales*: “*todos juntos iremos a la zafra futura, / al azúcar de un tiempo sin imperios ni esclavos*”. Palavras que dispensam tradução, como tantas vezes é o caso entre nossos dois idiomas irmãos. Como foi o caso quando entrei na livraria que fica no térreo da Casa de las Américas (chamada Rayuela, em homenagem a Cortázar). Vendo que eu começava a remexer nos livros, o Sr. Roberto Navarro Rodríguez, livreiro que trabalha ali há quarenta anos, veio para o meu lado, me cumprimentou e me disse: *Usted está en su casa.* 🍷

 tudo é narrativa
TÉRCIA MONTENEGRO

TODOS OS VERÕES

Um escritor tem suas obsessões. Temas, territórios que retornam — e sempre se reinventam.

Quando há alguns meses conversei com o Luiz Ruffato e perguntei sobre o seu novo livro que em breve seria lançado, ele disse que “era aquela mesma história”: um sujeito que volta para Cataguases e revê o que restou da família, descobre as mudanças nas pessoas, alguém que enriqueceu, o outro que nunca se deu bem na vida. Mas é claro que eu sabia que o trambolim apenas anunciava um salto imprevisível. Agora, tendo lido **O verão tardio**, ainda sinto que preciso firmar meus pés de volta na rotina. Pareço continuar neste impulso ficcional, que pode ser tão doloroso quanto certas realidades, mas de algum modo se torna até mais incisivo.

Não há nada mais difícil do que contar uma história aparentemente simples. Recheiar um enredo com ações mirabolantes ou usar o recurso do fantástico somente para arrancar assombro é coisa que só convence os ingênuos, as mentes imaturas que se distraem com pirotecnias. Leitores experientes exigem outra coisa — e estratégias sutis, como o trançar

de vozes narrativas, a mudança no ritmo das palavras para distinguir um discurso, o fluxo dos parágrafos e a cadência da frase criando os efeitos de tempo largo (com a dramaticidade suspensa), isso é para os raros, como Luiz Ruffato.

Neste romance, as tragédias domésticas pontuam a solidão de todos os personagens. Stella, a mãe do protagonista, Marilda, a primeira namorada, o professor Mendonça e tantos outros figurantes, que atravessam as páginas como transeuntes nesta história, têm sua pincelada de amargura. Muitos são fugazes aparições no feitiço dos desconhecidos que passam por nós na rua, num dia pouco especial — mas qualquer um deles carrega a potência de um drama, um segredo ou desejo a ponto de explodir, um passado (quase sempre, o passado!) que é uma bomba tiquetaqueando na memória.

Pode-se dizer, como num dos trechos do livro, que o grande esforço de Oséias é para se saber real, “eu, que com frequência, zanzando anônimo por entre a multidão, acreditava-me invisível. Ali, naquela espécie de purgatório, reconhecia criaturas semelhantes a mim, assombradas, mas decididas, inseguras mas rijas, e isso confirma-

va, de algum modo, que, embora pouco mais que nada, eu existia”.

Essa existência miúda é alfinetada por desgraças: a penúria, a infidelidade de tantos casais sustentados por mera aparência, o sem-sentido dessa vivência equiparada de cães e crianças avulsos pelo mundo. Há muitos cheiros pelo livro, muitos recintos infectos, banheiros, cozinhas, ruas, rios — uma poluição que se instala na alma também das pessoas, todas condenadas a repetir destinos miseráveis. Mesmo os mais ricos — alheados da gente pobre ou marginal — vivem nessa borda do medo (da velhice, da morte, da tristeza). Cada um continua “ensimesmado em seus próprios desacertos”.

Nesse roteiro de êxodo e retorno, o protagonista Oséias persegue “nomes que latejam rostos, como anúncios luminosos de motéis ordinários na beira da estrada”. É uma espécie de ritual que ele se autoimpõe: precisa recuperar os fragmentos, a história familiar nestes mosaicos de memória. “Sou um fantasma assustado esbarrando em corpos que se movem alvoroçados pelos territórios do passado” — ele admite, no princípio do livro. Mas a importância periférica destas pes-

soas vai se embotando à medida que a dor repisa os temas, revolve as lembranças. “Seu hálito azedo embaça meu rosto”, ele comenta, a respeito de uma dessas figuras antigas — e, numa progressão de declínio, o seu rosto vai evitando os espelhos, tornando-se cada vez menos reconhecível.

“Meu deus, vou morrer e nunca mais... Vão enterrar não meu corpo, o que é um corpo? mas tudo que fui, todas as lembranças, todas as pessoas que habitam em mim e que posso reviver apenas fechando os olhos.” A ânsia por um tipo de eternidade realiza-se não por mera propagação genética (há tantos filhos abandonados, brigados ou desaparecidos, neste livro!), mas por uma responsabilidade associada ao pensamento. Se deixamos de pensar, morremos — e matamos os que levamos dentro de nós.

Aos poucos, Oséias confessa: “Me tornei rocha, me tornei aço, não sinto mais nada”. Essa força — ou embotamento — sustenta a narrativa em primeira pessoa, com uma objetividade que é o contraponto essencial para uma carga dramática tão potente. Mas, dentro de uma complexidade que só as histórias aparentemente simples podem conter, essa sua fortaleza é paradoxalmente libertação e ruína. Ou talvez seja, de modo sintético, desprendimento. Porque não nos resta alternativa, ao final: vamos nos desprender do que quer que seja. E a desistência pode ser feita de modo discreto, quase irrelevante (como tantas vidas que surgem e desaparecem), mas ainda assim ser um tributo aos dignos. 🍷



ASSINE O RASCUNHO
E BOA VIAGEM.

RASCUNHO.COM.BR

O JORNAL DE LITERATURA DO BRASIL



design que se adapta às suas necessidades

- design editorial
- identidade de marca
- webdesign
- ilustração
- motion design




thapcom
design + ideias
www.thapcom.com

Estúdio 1

Av. Vicente Machado, 738, casa 4, Batel / Curitiba - PR
marcos@thapcom.com
(41) 99933-4883

Estúdio 2

R. Prefeito Hugo Cabral, 957, sala 10, Centro / Londrina - PR
alexandre@thapcom.com
(43) 3029-7561


prateleira
NACIONAL

O livro de estreia do gaúcho Vitor Necchi traz crônicas publicadas originalmente em veículos digitais e impressos. Juntando-se à rica tradição brasileira de cronistas, o professor e jornalista faz registros que podem ser tão sutis quanto desesperados. São memórias de infância, o clamor por uma cidade mais humana, a admiração sensível do cotidiano, o amor pelo vó e pela vó – sonhos possíveis e impossíveis, enfim, como pede tanto esse gênero literário quanto a necessidade humana de fabular.


Não existe mais dia seguinte
VITOR NECCHI

 Taverna
 190 págs.

Os nove contos do mineiro de Belo Horizonte Alexandre Foureaux tratam de questões caras ao ser humano: a incompletude, a inescapável elucubração de como seria ter sido outra pessoa, os desejos suprimidos ao longo de toda uma vida em nome de seja lá o que for. É assim que a mulher reluta em denunciar o irmão agressor, o estelionatário é traído pela amada, o burocrata quer trocar de pele, o escritor precisa parar de procrastinar e o velho louco sobe no telhado em busca de si mesmo.


O homem inacabado e outros contos
ALEXANDRE FOUREAUX

 Chiado
 152 págs.

No novo livro de contos de Menalton Braff, que estreou na literatura em 1999 e já publicou 25 títulos desde então, questões que nos humanizam são contempladas. Em 24 narrativas breves, o autor gaúcho – com raros momentos de humor, mas bastante delicadeza e uma linguagem que se reinventa constantemente – constrói pequenos universos em torno das perdas irreparáveis, as conturbadas relações familiares, os desencontros e a solidão.


Amor passageiro
MENALTON BRAFF

 Reformatório
 159 págs.

Além dos sonetos publicados em *Personae* (2004), este livro – que traz 163 poemas – é dividido em oito blocos, trabalhando com vários eixos temáticos e situações diversas: a história de pai e filho que acompanham uma partida de futebol entre times modestos, a insônia do autor que serve de inspiração para a elaboração de peças minimalistas, a tragicomédia protagonizada por um poeta suicida (o Micha, que na verdade é Michael, do título) e versos pinçados de memórias.


O jogo, Micha e outros sonetos
WILBERTH SALGUEIRO

 Patuá
 198 págs.

Os treze contos de Ópera subterrânea conduzem o leitor ao meio-termo entre a realidade e o imaginário. Nesse ambiente onírico e inóspito, tão próprio da fabulação e habitado por personagens anônimas, evidencia-se o absurdo. Longe de qualquer esperança oferecida pela clareza da superfície, as figuras quase sempre inominadas se debatem em labirintos desconhecidos, descobrem um poço que oculta uma cidade e se veem num bairro onde qualquer pessoa é um potencial homicida.


Ópera subterrânea
DOUGLAS CECCAGNO

 Metamorfose
 152 págs.


palavra por palavra
RAIMUNDO CARRERO

A LUTA VERBAL (3)

Lima Barreto faz falta à literatura brasileira; até porque, desenha, quase sempre, retratos arrasadores dos personagens na impiedosa crítica sociocultural de **Recordações do escrivão Caminha**. Ele realiza aí um combate vigoroso à literatura como ridículo sorriso da sociedade.

Os antigos bebiam pérolas dissolvidas em vinagre. Não eram lá de gosto muito fino e a extravagância nada significava. Eu bebo a verde esmeralda sadia, emblema da mater Natureza, num copo de xerez. Em vez da pérola mórbida, doença de um marisco, no acre vinagre, bebo o verde dos prados, a magnífica coma das palmeiras, o perfume das flores, tudo que o verde lembra da grande mãe augusta!

Estas palavras do personagem Raul de Gusmão, de **Recordações...**, ridicularizadas por Lima Barreto, revelam, claramente, o universo social medíocre e chulo que cercava o escritor no começo do século 20 e aparecem em um diálogo do capítulo III. Raul de Gusmão será um dos personagens mais cruelmente ridicularizados por Lima. Depois de afirmar, “Raul fez o pequeno discurso com sua voz fanhosa, sem acento de sexo e emitido com grande esforço doloroso”, o narrador adverte com uma ênfase notável:

Falar era para sua natureza obra difícil. Toda a sua pessoa se movia, se esforçava extraordinariamente; todos os seus músculos entravam em ação; toda a energia da sua vida se aplicava em articular os sons e sempre, quando falava, era como se falasse pela primeira vez como indivíduo e como espécie. Esse empurrar de sons ou gritos de um antropeide que há pouco tivesse adquirido a palavra articulada, deus não sei que mal-estar que não mais falei até a sua despedida.

Adianta, ainda, neste quadro de crítica sócio-político-pessoal a contundência da reflexão:

Tive medo de que me fosse preciso empregar o mesmo esforço, que minha palavra custasse também aquela grande dor já olvidada e vencida pela nossa espécie; e fiquei a ouvi-lo respeitosamente, tanto mais que nos tratou a mim e ao padeiro, com tal desdém, com tal superioridade que fiquei entibiado, esmagado, diante do retrato que fiz dele intimamente, de um grande li-

terato, universal e aclamado, espécie de Balzac ou Dickens, apesar da voz de Pitecanthropus.

Trata-se de um perfil físico-psicológico a que Lima irá recorrer em muitas ocasiões para construir a sua grande obra, oferecendo ao leitor um retrato cruel da sua época, o começo do século 20 no Brasil, onde figuras meramente ilustrativas daquele tempo transformavam a literatura no sorriso da sociedade, com belas palavras sem vigor narrativo e sem a verdade que constrói o dia a dia. Uma literatura fantasiosa, de puxa-saco e sem grandeza.

Ao ridicularizar o personagem, Lima vai muito além, ridiculariza este imenso universo social em que vivia metida a literatura por meio de escritores medíocres que não construíram, pelo óbvio, uma obra consistente.

O narrador, porém, não se contenta e vai além. É preciso destacar, ainda, que o narrador em Isaiás Caminha não é o personagem, mas o próprio Lima Barreto, envolto em sua revolta e, por isso mesmo, disposto a combater seus inimigos com sua palavra vigorosa e atormentadora:

Nos confins da minha aldeia natal, eu não podia adivinhar que o Rio de Janeiro contivesse exemplar tão curioso do gênero humano, uma desconstruída mistura de porco e símio adiantado, ainda por cima jornalista ou coisa que o valha, exuberante de gestos inéditos e frases imprevistas. Laje da Silva, porém, só sabia que ele tinha a Aurora à sua disposição, jornal muito lido e antigo, respeitado e que, no tempo do Império, derrubou mais de um Ministério. Escrevia nos jornais, era o bastante. Essa sua admiração, se era de fato esse o sentimento do padeiro pelos homens dos jornais, levava-o a respeitá-los a todos desde o mais graduado. O redator-chefe, o polemista de talento, até ao repórter de polícia, ao revisor e ao caixeiro do balcão.

Impiedoso, extremamente impiedoso. Por isso mesmo pode-se dizer que Lima Barreto faz uma falta incrível à literatura brasileira, que não exercita nem a crítica nem a polêmica. Todos muito bem-comportados.

Toda esta crítica é feita durante um jantar — e como é ridículo o jantar filantrópico brasileiro tantas vezes realizado nos luxuosos salões de clubes e entidades brasileiras. Por tais e tais motivos, a falta que faz Lima Barreto. 🍷

Agora, aqui

Todo dia, da húngara Terézia Mora, apresenta um personagem afásico perante os acontecimentos da própria vida

GISELE EBERSPÄCHER | CURITIBA – PR



DIVULGAÇÃO

“Vamos chamar o tempo de *agora*, vamos chamar o local de *aqui*.” Com esse deslocamento do leitor (que pensa, obviamente, no seu próprio *agora* e *aqui*), Terézia Mora, autora húngara radicada na Alemanha, começa **Todo dia**. Publicado em 2004 em sua versão original e em 2018 no Brasil, com tradução de Aldo Medeiros, o livro é considerado por muitos críticos como uma das grandes obras alemãs contemporâneas.

Em um lugar e um tempo não definidos, o leitor pode acompanhar a vida — todo dia — de Abel, um estrangeiro. Sem cidades ou países definidos para a narrativa, fica claro que, para a autora, o ser estrangeiro é muito mais um sentimento do que uma questão geográfica. (Não é muito difícil para o leitor imaginar, com algumas informações dadas, que o país do qual Abel poderia ter vindo é da antiga Iugoslávia e estaria provavelmente na Alemanha. Mas esse é apenas um eco do livro, não sua voz mais alta.)

Mora constrói o livro de forma fragmentada, como se fosse possível recortar os dias da cronologia de uma pessoa, misturá-los e reorganizá-los de uma maneira que fizesse mais sentido temático. *In media res*, encontramos o personagem, divorciado, em uma situação estranha em um parque, pendurado de forma violenta e

precisando de cuidados médicos (uma ocorrência que só se esclarece completamente no final do livro).

A partir disso, os diferentes momentos da vida de Abel se intercalam, mostrando a infância em outro país, a adolescência com a ausência paterna, o começo da vida adulta como um desertor (depois de ter fugido do serviço militar obrigatório) e como um acadêmico. Mas não só — entre eles se intercalam a vida de outras pessoas, estrangeiras ou não, que cruzam seu caminho. Assim, qualquer tentativa de fazer uma sinopse mais completa da obra me parece uma simplificação do processo de leitura — no qual o importante não é só o *que*, mas também o *como* e o *quando*.

Uma das características principais de Abel, porém, não pode passar batida: é considerado um gênio por muitos dos personagens por sua capacidade de falar fluentemente dez línguas. Mas o vocabulário extenso e diverso não dá ao personagem a capacidade de se comunicar — troca poucas palavras com aqueles que conhece. Afásico, é considerado um gênio atormentado. Ainda que faça pouco para manter esse *status*: vive de bolsas por algum tempo (ainda que os cursos não lhe rendam nenhum trabalho final) e, depois, trabalha minimamente com aulas e traduções para conseguir se manter. Uma figura que, certamente, guarda suas semelhanças com *Bartleby*, *Stoner* ou *Oblomov*.

Quero voltar ainda na questão das línguas. Abel é uma figura constantemente presa entre seu passado (frequentemente interrompido) e seu futuro incerto enquanto imigrante — uma figura sem um *aqui* e um *agora* definidos. Mesmo com suas dez línguas, não consegue dar conta, narrativamente, de sua existência. Afinal, um falante consegue se comunicar com alguma língua sem um *aqui* e um *agora*?

Pessoas e vozes

As técnicas que mais chamam atenção na escrita de Mora são a apresentação de novos per-

sonagens e a construção do narrador, feitas de maneira interligada constantemente. A autora apresenta os personagens em uma espécie de rede, deixando encontros e desencontros evidentes em todos os instantes da narrativa. O círculo de conhecidos de Abel se forma quase que por acaso, com as pessoas que encontra fortuitamente enquanto navega pela vida — Kinga, por exemplo, é uma mulher que conhece no trem enquanto está fugindo e que se tornará mais presente na sua vida no futuro; Konstantin, amigo dos primeiros anos, o encontrou em uma praça e o ofereceu abrigo na primeira noite na nova cidade.

Em parte, essa rede mostra os imigrantes como construtores de redes quase paralelas de socialização, já que a integração na nova sociedade acontece em poucos casos nessa narrativa. Uma cidade dentro de uma outra cidade. Acontece brevemente, por exemplo, com o próprio Abel, que encontra na figura de Mercedes (assistente de um professor que o ajudou quando chegou no novo país) uma maneira de prolongar seu visto e um ponto de afeto. O debate sobre migrações, identidade e integração é mostrado em diversos personagens e relações na obra de Mora.

Esses encontros são narrados em terceira pessoa na maior parte do livro. Mas, sem nenhum tipo de alerta, o narrador se transforma em uma primeira pessoa, fazendo um comentário espontâneo e com frequência irônico, revelando muitas vezes a intimidade de algum dos personagens. Não é incomum, principalmente no começo do livro, que o leitor se pergunte se deixou passar alguma coisa. Mas logo se percebe que essas inserções nada mais são do que comentários dos próprios personagens, deixados ali como fragmentos de vozes e pensamentos que agregam à obra uma complexidade muito maior, sem falar em uma camada de interpretação e significação nova.

Abel é um personagem em um lugar ao qual não pertence — e sem ter um lugar ao qual possa pertencer. Com questões no seu passado e incertezas do futuro, não têm um *aqui* e um *agora* para se situar no mundo. Flutuando, não há língua que seja capaz de usar para dar conta de sua própria narrativa. O narrador construído pela autora, porém, é quase o oposto do personagem. Tem uma linguagem flexível o suficiente para dar conta da multiplicidade de personagens, acontecimentos, sentimentos e histórias que se desenvolvem ao longo das mais de 500 páginas do livro. Um narrador que se transmuta sempre que necessário e se torna, assim, sempre uma personagem nova.

Mora alcança o que Abel não consegue: narrar os indivíduos em um mundo multicultural, com inúmeros *aquis* e *agoras*. Uma obra monumental para um mundo com cada vez mais exclusões, crises, políticas segregatórias e incertezas constantes. 📖

A AUTORA

TERÉZIA MORA

Nasceu na Hungria, em 1971. Em 1990, se muda para Berlim, onde ainda mora. Completou seus estudos na Humboldt-Universität e é tradutora do húngaro para o alemão — sendo responsável, por exemplo, pelas obras de Péter Esterházy. Começou a publicar ficção em 1999 e, entre peças de teatro, poesia, contos e romances, já publicou mais de dez livros. Sua obra lhe rendeu importantes prêmios da literatura em alemão, incluindo o Prêmio Georg Büchner de 2018.



Todo dia

TERÉZIA MORA

Trad.: Aldo Medeiros

Nau

511 págs.

TRELHO

Todo dia

Um sortudo, disse alguém chamado Konstantin. Eu digo a ele: você é um sortudo. Então ele olha para mim como se não tivesse entendido palavra alguma. Mas é bem capaz disso ser a especialidade dele, não é? Sendo que eu pessoalmente acho que a verdadeira especialidade dele é que as pessoas se interessem por ele, sem que ele tenha que fazer nada pra que isso aconteça.

Nada se cria

Em **Mac e seu contratempo**, Enrique Vila-Matas brinca com o leitor e reflete sobre a originalidade na literatura

JONATAN SILVA | CURITIBA - PR

A literatura é a espia da vida mundana e cotidiana. E é o escritor o sujeito que maneja o periscópio capaz de perscrutar o íntimo das pessoas invisíveis e esquecíveis — aquelas que esbarramos no ônibus ou ignoramos nos elevadores. Por sinal, quanto mais comum e à beira do abismo, melhor. E Enrique Vila-Matas é, sem dúvida, o patrono desses “ideólogos do fiasco” — como disse Joca Reiners Terron. O que interessa ao catalão é aquilo que não serve a mais ninguém: escritores sem obras, as técnicas para um suicídio bem-sucedido ou gente que desaparece por vontade própria. O absurdo e o desconexo dão tom à sua literatura como se houvesse um fundo falso na realidade que esconde o inverossímil e o impossível.

No meio de tudo isso há o tédio, os olhares oblíquos e os olhos de ressaca que se perdem — ou se deixam perder — no labirinto da cidade. São sempre personagens que se cruzam ou se desviam pelos caminhos que, quase sempre, levam a lugar algum, tal qual vivessem para cumprir um papel que lhes foi atribuído. São assim os homens e mulheres que habitam **Mac e seu contratempo**, livro mais recente de Vila-Matas no Brasil. Mac é um homem minúsculo em essência, desempregado, paranoico com o horóscopo e que registra em seu diário a obsessão em reescrever **Walter e seu contratempo**, o livro de estreia de Sánchez, seu vizinho.

Enquanto preenche os dias com passeios pela cidade e a releitura dos contos de Sánchez, Mac cria em torno de si uma névoa: seu nome é um mistério, mas deixa claro que apelido — dado pelos pais ainda na infância — é uma referência a um personagem transparente de *My darling Clementine*, longa do cineasta norte-americano John Ford.

Meus pais viram o filme logo depois que eu nasci, e gostaram muito do momento em que o xerife Waytt pergunta ao velho que atende no saloom:

— Mac, você nunca se apaixonou?

— Não, eu fui garçom a vida inteira.

Vila-Matas é um escritor artilheiro. Há quem diga que seus livros são sempre sobre outros livros, alguns dos quais nem exis-

tem. Em entrevista ao *El País* em 2011, por ocasião da coletânea **Chet Baker piensa en su arte**, disse que não é bem assim. “Dizer que faço metaliteratura é simplificar muito; normalmente, dizem isso aqueles que não me leram, porque falo — como todos os escritores — sobre a vida, o amor e a morte. Como todos. Alguns falam de assassinatos e eu, de livros. Mais que de metaliteratura, diria — bem, Ricardo Piglia acaba de dizer isso em um artigo no Brasil — que o conjunto dos meus romances pode ser lido ser lido como uma obra única em que se narra — a partir de ângulos distintos — a história imaginária da literatura contemporânea”, comentou em resposta à pergunta de um leitor.

Nesse jogo de duplos, **Ar de Dylan** se anuncia como o projeto mais ambicioso: um homem comum, que tem um catálogo de pequenos fracassos e se parece tremendamente com Bob Dylan, bate a cabeça após cair e herda a memória do pai, um escritor cujos êxitos também são contestáveis. Em **Bartleby e companhia** transforma o personagem de Melville em um apologista da *inconclusão* e reúne autores — alguns às raias na inexistência — cujas obras estão próximas da página em branco. Mac poderia muito bem fazer parte desse grupo seletivo. Sua primeira obra, afirma, seria um livro póstumo, na verdade, a sua versão dos relatos do vizinho. É uma maneira — quem sabe elegante — de dizer que na ficção nada se cria.

Capitu antecipada

Como Daniel Quinn, personagem de Paul Auster na parte que abre **A trilogia de Nova York**, Mac passeia a esmo — aqui, porém, pelo bairro Coyote, um não-lugar na Barcelona de Vila-Matas, enquanto ruma a história de Walter, um ventríloquo que acaba envolvido em um caso de homicídio. Enquanto embaça os limites entre a realidade de Mac e a ficção criada por Sánchez, Vila-Matas fixa seus pontos de apoio em um emaranhado de referências que vão de David Bowie a Nathaniel Hawthorne.

À medida em que a leitura avança, Mac se torna mais esquivo à verdade como Federico Mayol em **A viagem vertical**. Em *Carmen*, um dos contos/capítulos de **Walter e seu contratempo**, a confusão entre os planos ganha uma nova dimensão, mais ampla



Mac e seu contratempo

ENRIQUE VILA-MATAS

Trad.: Josely Vianna Baptista
Companhia das Letras
288 págs.

O AUTOR

ENRIQUE VILA-MATAS

Nasceu em Barcelona, em 1948. Seu primeiro livro, **Mujer en el espejo contemplando el paisaje**, foi publicado em 1973 e ainda não foi lançado no Brasil. Publicou **Paris nunca acaba**, **Doutor Pasavento**, **Suicídios exemplares**, **Dublincas** e **História abreviada da literatura portátil**. Além de contos e romances, escreve ensaios e textos “inclassificáveis” devido ao seu caráter híbrido. Sua obra já foi traduzida para mais de 35 idiomas.

e sedutora. Carmen, a esposa de Mac, se torna a personagem do vizinho como uma Capitu antecipada, já que Sánchez escreveu o relato antes que o casal se conhecesse. Nesse momento, percebe que, nem sempre, a realidade é *realmente* real. “Desesperado”, reage, “levo as mãos à cabeça. Não sei bem por que faço isso, talvez seja só amor de perdição, só desespero de tanto amor e de tanto temor de perdê-lo”.

Aqui há uma semelhança, ainda que simbólica, com *Continuidad de los parques*, conto que abre **Final de juego**. No relato de Cortázar, existe um aspecto cíclico, uma espécie de *continuum*, no qual o personagem se torna personagem do texto que lê. Vila-Matas recria essa estratégia narrativa com Carmen e ao colocar Mac na tentativa de aparar as arestas do que sabe sobre sua mulher e o passado dela. Adiante, quando é chamado pelo primeiro nome de Sánchez — que ele próprio desconhecia — nasce uma fissura no espaço-tempo de Mac. Entretanto, a escolha mais simples é sempre a negação.

Mas preferi lhe dizer que tudo bem, que talvez eu tivesse ouvido mal e que decerto ela tinha dito “Mas ande”, ou “Mas anda”. Então aconteceu a coisa mais estranha do domingo. Ela me olhou muito irritada e disse: “Ora, Mac, por favor, eu também não disse isso”. E eu: “Ah não?”. “Não”, assegurou com uma cara tão beatífica que fiquei petrificado. “Pois é, no fim você nem disse nada mesmo...”. “Exatamente, eu não disse nada...”, afirmou com uma serenidade que, se fosse falsa — e com certeza devia ser —, era uma obra-prima do fingimento.

À guisa de Fernando Pessoa, Vila-Matas sabe, e por conseguinte seus personagens também têm consciência, que o ser humano é, por natureza, um fingidor em busca toca do coelho. E, por isso, a melancolia de Mac é o que há de mais genuíno em seu caráter. Se por um lado ele está embrenhado na ilusão, por outro, seus sentimentos estão constantemente à flor da pele.

Desaparecer

O desaparecimento, em seus diversos níveis, é uma constante na obra de Enrique Vila-Matas. Para muito além da metáfora, o desaparecer é um ato de liberda-

de, literalmente, uma libertação. **Doutor Pasavento** é uma ode ao sumiço e que tem como guia outro escritor, o suíço Robert Walser, que passou boa parte da sua vida adulta trancado em um sanatório. Em **Suicídios exemplares** o autor explora a arte de cabo da própria vida em um paralelo belíssimo com a novela **Um artista da fome**, de Franz Kafka, que transforma a inanição em um dom maior.

Em outro sentido, desaparecer também é estar só mesmo que a solidão seja em uma grande metrópole como Barcelona. No meio de tanta gente somos todos iguais. No irônico romance **Paris não tem fim**, o escritor relembra os dois anos que passou na água-furtada que pertenceu a Marguerite Duras. Dali, daquele espaço histórico, Vila-Matas foi testemunha do que a cidade oferecia de melhor e de pior. Ainda que não estivesse isolado, ao contrário, estava sempre acompanhado, pode se alijar da sua Espanha natal. “Sempre que estou só, estou desaparecido, não vejo ninguém e não sou visto”, disse para a *Folha de S. Paulo* anos atrás.

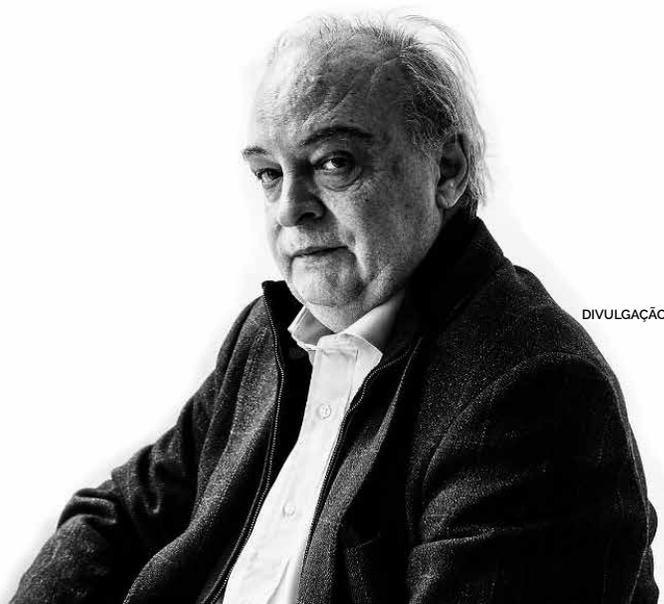
Mac some com frequência, mas é sempre trazido a fórceps para o mundo dito real. O que se percebe é uma constante estranheza e um certo deslumbramento. Ao mesmo tempo em que vislumbra um debate literário sabe que, no fundo, isso não o pertence. Até certo ponto, o escritor sintetiza — com essa escolha — questões que percorrem muito de seus outros livros. **Mac e seu contratempo** funciona bem como catarse e experiência estética, principalmente ao inserir o putroscópio de Beckett como elemento de exegese.

Apego

A criação literária de Vila-Matas parece não se contentar com o que há de canônico e, por isso, há um estilo muito próprio do escritor que o torna incapaz de ser imitado. E tem a capacidade de servir como acerto de contas. **Mac e seu contratempo** brinca com a biografia do próprio autor. **Walter e seu contratempo** é, no final das contas, **Uma casa para siempre** — livro lançado por Vila-Matas em 1988 e que teve uma péssima recepção da crítica à época. Anos mais tarde, Roberto Bolaño seria um dos responsáveis por reabilitá-lo como peça-chave na bibliografia do catalão.

As histórias, que em muito se parecem, se cruzam como em uma casa de espelhos, jogando com o leitor desavisado. O sarcasmo, por sinal, faz parte da estrutura narrativa e do escopo de seu fazer literário. É praticamente impossível dissociar a ironia da escrita de Vila-Matas. Isso, obviamente, exige um certo olhar de quem lê, um olhar que seja capaz de entender as mensagens deixadas nas entrelinhas.

Em sua tessitura, **Mac e seu contratempo** prova que Enrique Vila-Matas não é um escritor para iniciantes, mas é indispensável para quem tem o mínimo de apego aos livros e à literatura.



DIVULGAÇÃO

DIVULGAÇÃO



Metamorfose coreana

A protagonista d'**A vegetariana**, de Han Kang, acorda de um sonho intranquilo para viver uma história violenta e erótica

PAULO KRAUSS | CURITIBA – PR

Quando certa manhã Yeonghye acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseada numa árvore. Yeonghye não é Gregor Samsa e a escritora sul-coreana Han Kang está longe de ser Kafka, mas não há como não lembrar de **A metamorfose** na leitura de **A vegetariana**, obra que rendeu a Kang o Man Booker International Prize e uma consagração merecida mundo afora.

Tirando os sonhos intranquilos e a transformação de Yeonghye em uma árvore, **A vegetariana** é uma ficção bastante original, que explora com muita qualidade o desmantelamento inesperado de uma família sul-coreana comum. Jeong, o marido da protagonista, começa a narrativa descrevendo a mudança de comportamento da esposa que, de uma hora para outra, para de comer carne e passa a viver de forma desleixada. Ela não usa mais sutiã e gosta de expor os seios, não penteia os cabelos, a vida matrimonial desanda. Depois de flagrar a mulher numa madrugada botando no lixo todas as carnes da geladeira, a única resposta que Jeong obtém dela é: “Eu tive um sonho”.

O que já era uma vida bastante ordinária vira um pesadelo real em que Yeonghye ignora a casa e o marido, concentrando-se em comer seus vegetais. Mas ele só começa a perceber o quanto isso vai transformar sua vida após um jantar importante com o patrão, no qual a esposa mantém o comportamento absurdo e quase atrapalha sua carreira. Depois, quando a família se reúne numa tentativa de convencê-la a voltar à normalidade, o encontro acaba em violência e um quase suicídio, numa cena marcante em que todos, inclusive os pais, ficam contra Yeonghye.

A chave para a metamorfose da protagonista aparece na segunda parte do romance, que tem o cunhado como catalisador das ações.

Hyung é um artista fracassado, praticamente sustentado pela irmã de Yeonghye. Ele, num instinto puramente artístico, resolve usar Yeonghye como modelo num projeto de pintura do corpo humano. Ela vai aceitando tudo, transformando-se numa instalação artística a ser filmada em cenas eróticas.



A vegetariana

HAN KANG

Trad.: Jae Hyung Woo
 Ainda
 176 págs.

TRECHO

A vegetariana

Meu sogro pressionou a carne de porco agridoce contra a boca de minha mulher, que se agitava em sofrimento. Com seus dedos grossos, ele abriu os lábios dela, mas não conseguiu entreabrir os dentes fortemente cerrados. Cego de raiva, deu-lhe uma nova bofetada.

A AUTORA

HAN KANG

Nascida na Coreia do Sul, em 1970, tem vários livros publicados. Alcançou fama mundial com **A vegetariana**, que teve diversas traduções e ganhou importantes prêmios literários, como o Man Booker International Prize 2016.

O que Hyung não imaginava é que ter o corpo pintado com desenhos em formas de plantas e flores despertaria ainda mais em Yeonghye o que ela vinha sonhando. A aversão à carne e a apreciação do vegetarianismo dominam ao extremo a mente da protagonista quando ela vê o próprio corpo transformado em um vaso ambulante. Aqui, na metade do livro, Han Kang já encanta com um texto impactante e segurança na narrativa de temas fortes, como a violência da primeira parte e o lirismo erótico da segunda.

Sensualidade e abandono

A autora traz cenas sensuais de forma inovadora, em que a personagem Yeonghye não resiste e cede ao desejo e ao erotismo proposto pelo projeto artístico do cunhado. A habilidade de Han Kang na criação e na narração da parte sensual do livro é surpreendente. O erotismo que envolve os personagens é muito verossímil, a tensão perdura por várias páginas, as cenas têm uma beleza perturbadora.

A entrega de Yeonghye favorece a proposta artística do cunhado, que finalmente liberta a inspiração e executa seu melhor projeto, saindo da rotina comum que havia permeado sua trajetória na arte. Ao mesmo tempo, ao ter seu corpo transformado em cores e traços do mundo vegetal, Yeonghye enxerga nisso a confirmação de sua opção pelo vegetarianismo, acreditando ainda mais nas mensagens de seus sonhos.

Assim como foi abandonada pelo marido na primeira parte, na segunda é o cunhado que sai de cena após realizar-se com o projeto artístico. Resta a irmã de Yeonghye, a comerciante Inhye, assumir o protagonismo na parte mais real e dolorosa da história. Ela também se separa do marido, que só se interessa pela arte e mais nada, além de ter traído a mulher com a cunhada.

Yeonghye é internada em hospitais para sair do mundo dos sonhos. A nossa Gregor Samsa de olhos puxados pensa que é uma árvore e tenta se comportar como tal. Chega a ficar de ponta cabeça imaginando que seu corpo é o tronco e suas pernas, galhos prestes a florescer.

Inhye revela-se a única pessoa centrada na história. Trabalha, cria o filho e agora só há ela para cuidar da irmã, que nunca desperta da metamorfose que abalou a família. Yeonghye não virou um inseto monstruoso, mas pensa que é uma árvore que nada precisa fazer além de receber água.

Han Kang fez um livro ousado. Reuniu violência, erotismo e loucura e manteve o controle da narrativa nas 171 páginas da obra. Não à toa recebeu elogios até de Ian McEwan, que chamou **A vegetariana** de “um pequeno romance sobre sexualidade e loucura que merece seu grande sucesso”.

O livro causa também surpresa por vir de produção tão afastada do grande cenário da literatura mundial, caso da Coreia do Sul. A Ásia já tem um espaço de destaque nas livrarias pelo mundo com a vasta obra contemporânea japonesa e alguns bons livros de autores chineses.

Com a chancela do Man Booker Prize, Han Kang coloca a Coreia do Sul com força nas prateleiras literárias. Mais que isso, **A vegetariana** sinaliza um talento raro de uma autora cuja carreira tem tudo para entrar em metamorfose, mas num sonho tranquilo. 🍄

GRANTA

EM LÍNGUA PORTUGUESA

Direção de
Gustavo Pacheco e Pedro Mexia

ASSINATURAS

4 revistas por 2 anos

25% desconto

R\$ 177,00

+ frete

(R\$ 236,00)

Para assinar,
por favor envie um
email para:

tintadachinabrasil@gmail.com

FUTURO

[HTTP://WWW.TINTADACHINA.PT/BRASIL/](http://www.tintadachina.pt/brasil/)

O DESENVOLVIMENTO DA
SOCIEDADE NÃO COMEÇA COM O

ESTADO.

COMEÇA COM O CIDADÃO.

A GAZETA DO POVO ACREDITA
NO LIVRE MERCADO

ASSINE AGORA

GAZETA DO POVO

GAZETADOPOVO.COM.BR/ASSINE

**ISABELA SANCHO****As regras**

O rosado salta
da multidão da serra
no mesmo momento
do mesmo mês.

A derrubada
de folhas sincrônicas
de propósito e em burla
das pragas que nos assolam.

Eu menstruo, você menstrua
e as árvores-da-china
amarelam de graça
todas juntas.

Alva

Branca como o halo lunar,
uma boneca de porcelana,
a louça guardada
com ricos palmitos.

Pérolas de água-doce,
leite-de-flor.
Nunca me ocorreu
usar pó-de-arroz.

Branca-renascimento,
um bebê batizado.
A debutante,
a noiva virgem.

Branca, ave-maria.
Renda-sinhazinha.
Branco-gelo,
os dedos pingantes.

Branco-rosa-porquinho.
Branco-refluxo.
Branco, o suor azedo
de quem mal começou a suar.

Branca, metal-nobre.
Branca —
uma bala-perdida,
alvejante.

Branca como a anemia.
Branca como a amnésia.
Branca, é uma menina.
Branca-borracha.

Com a palidez de um susto —
branca-próprio-fantasma.

Branco, minha-nossa.
Branco-não-adianta-ir-à-missa.
Branco-horror-do-holocausto
debaixo do branco nariz.

Branca, não-mais,
eu te rogo.
Branca —
esse tempo todo.

(Espelho intolerável
em nada comparável
com estar
no outro lado da história.)



Ilustração: Isabela Sancho

Branco, amarelo-cólera.
Branco-verde-enjoo.
Branco-roxo-nervoso.
Branco, que fizeste dos outros?

Branca de constrangimento —
como me verá o esquimó?
Branca rosa?
Branca-amarela?

Branca nesga na pele.
A cicatriz mútua se nega.
Negror não é o que te cega,
branca cicatriz que é minha.

**ISABELA SANCHO**

Nasceu no interior de São Paulo em 1989. Formou-se em arquitetura e urbanismo pela Unicamp. É autora de **As flores se recusam** (2018) e **A depressão tem sete andares e um elevador** (2019), livros de poesia e ilustração, e publica poemas pelo portal *Fazia Poesia*. Seu livro de estreia foi finalista do Prêmio Glória de Sant'Anna 2019 (Portugal).

LUNA VITROLIRA

como um eco dos porões do navio
estão a dar com pau

por onde quer que eu passe
o mundo parece meio esclarecido

— mercado negro
— magia negra
— buraco negro
— ovelha negra
— mas que negro bonito
da cor do pecado
de traços finos

alguém disse de peito cheio
como se fosse elogio

— me respeita que eu não sou tuas nega
— seu nego safado

e se à vista não parece claro
decerto foi denegrado

como um pente desses de dente fino
que não passa

na carapinha
no mafuá
na piaçava

quando a coisa fica preta
arma branca não mata

cuidado com a lista negra
inveja branca tá liberada

se algo for proibido
carta branca é autorizada

se houver confusão
bandeira branca amor
a paz é instaurada

eu é que sou a mulata
filha de meia tigela
sem eira nem beira
nasci com um pé na cozinha
e o samba do crioulo doido nas pernas

*

invisível como deus
ou um planeta órfão

como um copo esquecido
ao lado do sofá
cheio de formigas

como lixeira de banheiro
que transborda

alumínio de fogão
velho na cozinha

como a vó que sofre
de uma doença rara
e se amontoa
como roupas sujas
pilhas de prato

quem sabe até aquele garfo
que se escondeu debaixo do armário
atrás da geladeira
madeira podre
escorada no asfalto

chave que ninguém viu

Invisível como o amor
a fé e a salvação

como a morte
um pensamento
ou a raiva de Medeia por Jasão
que não era lá tão invisível

invisível como esse poema
ou vista como exceção 🍷

**LUNA VITROLIRA**

Nascida em 1992, é poeta pernambucana, pesquisadora da literatura oral, produtora e idealizadora dos projetos de circulação nacional *Estados em Poesia*, *De Repente uma Glosa* e *Mulheres de Repente*. Estreou na poesia com **Aquenda — O amor às vezes é isso** (2018). Um disco com poemas do livro está sendo produzido pelo pianista Amaro Freitas.



Coloque
a **sua obra**
em **evidência**



VIII



Prêmios
Literários

Cidade
de **Manaus**

Inscrições abertas até
28 de junho de 2019

Consulte edital e outras informações no site:
concultura.manaus.am.gov.br

Informações:
(92) 3632-1807

**con
cultura**
Conselho Municipal de Política Cultural

NO MAR

LAWRENCE FERLINGHETTI

Tradução e seleção: **André Caramuru Aubert**

O mar entre as árvores
distante
brilhando
O sombrio primeiro plano
um muro de pedra
coberto de líquen

Um velho marujo
sentado, contempla
o mar

Um vento balança, de vez em quando
as palmeiras

Mais um dia se prepara
para o calor e o silêncio

Um aviãozinho
zumbindo como uma mosca
perturba o céu

Que o ar o engole

Lá longe no mar sonolento
uma traineira vai se arrastando

O vento que vem do sul
sopra a isca na boca do peixe

O mar boceja e
engole a traineira

O líquen vai vivendo
em sua rocha vulcânica
taciturno
eterno
esperando por sua vez
nas voltas do sol

Eu nunca mais voltarei para cá
nunca mais
respirar esse ar
nessa longa marcha
no meio da manhã
onde o mar sussurra
paciência e sal

O sol
chamusca o céu
e cai como um palito de fósforo queimado
na noite

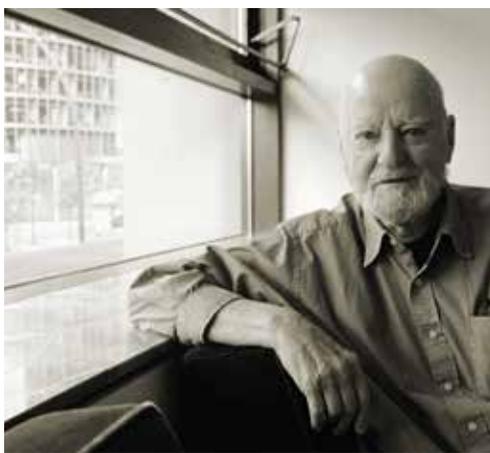
Sou um animal, um dia
talvez eu tenha sido um pássaro
um martim-pescador
que faz seu ninho no mar
no meu breve voo através
do pequeno mapa
de minha existência

A vida segue
repleta de silêncio e clamor
nas cidades cinzentas
burgos longínquos
nas brancas cidades à beira mar
por onde sigo em frente
escrevendo minha vida
nem em sangue nem em vinho

Ainda aguardo uma epifania
na beira da placa petri do mar
onde toda a vida teve início
nadando

Mas já é tempo
de contabilizar tudo
de explicar tudo
como por exemplo
por que a noite é escura?

Em todos os lugares o mar está se erguendo
eu, prestes a me afogar
com todos os outros
todos os animais da terra
varridos pelo oceano
maternalmente e incessantemente
neste momento extraordinário
de catastrófica mudança do mar
enquanto nosso mundinho desaparece
em um tremor de oceano e pavor
sob o murmúrio



LAWRENCE FERLINGHETTI

Cem anos de vida, firme e forte. Não é um centenário qualquer. Veterano da Segunda Guerra, virou pacifista ao chegar em Nagasaki uma semana depois da bomba, para depois se tornar um grande pintor, um poeta maior ainda, o padrinho do movimento *Beat*, o dono da livraria e editora City Lights, em San Francisco, onde tudo, e mais um pouco, aconteceu. O poema que traduzimos aqui, dedicado a Pablo Neruda, foi escrito em Belize, em 2010.

do cérebro mediano da América
enquanto imbecis com gravatas
caem das árvores?

Então não importa
se eu acabar
num lar de insurgentes
na Avenida de los Insurgentes¹
ou descalço na praça central de Boston²
ou largado e sem noção
na casinha de praia
de meu tio Désir
em Saint Thomas³

Me perdoe por meus modos
se não consigo dar a você
uma palavra final —
uma teoria unificada a respeito da existência —
tudo junto
em um único grande pensamento
(visão utópica!)

Humanos com todas as suas vozes
como miríades, como
as sílabas do mar
jamais conseguiram inferir
o destino do homem
nem nos dizer porque estamos aqui

Ainda seremos, porém
livres como o mar
seremos nada além de
nossos sombrios seres
no fim das contas vagabundos de praia
num tempo futuro quando
não mais haverá nações
e a terra será varrida
por hordas étnicas
em busca de comida e abrigo?

Nem paciente nem plácido
em face disso tudo
no mar de cada dia
com suas duas marés

Eu corro ao vento
imune a recifes e baías escondidas

Alguém joga em mim
balas de goma
com o formato de coletes salva-vidas

Outros acenam
desde litorais distantes
Adeus! Adeus!

Por fim encajado
descascando

Amaria ir de novo ao bosque
com suas velhas árvores
que cantam como sitares
ao vento
Ragas mudas!

Naufragado em terra firme
à mercê de avaras gaiotas —

E contudo e contudo
nós ainda não caímos no desespero

A primavera sempre chega
E aparece um bonde de turismo gay

O velho maquinista
com uma cartola
e um relógio de bolso dourado
nos cumprimenta como a passageiros há tempos esquecidos
nos presenteando com
colares de flores em volta do pescoço
como os braços de amantes
que insanamente nos envolvem

Haverá ainda algo a ser dito
antes que nos levem embora
como defuntos
enquanto ainda sonhamos
ainda em busca
do pão do mundo
lançado às águas
a massa que cresce
no fermento da fala
na palavra escrita
na poesia

Pegadas na areia!
deixadas por bandos de animais cercados
encurralados por hábitos e equívocos
e trens nos quais embarcaram
para destinos equivocados
ou viagens feitas ou não feitas
com anjos do amor
rumo às baixas latitudes

Entre duas ondas
o oceano é tranquilo —
um silêncio de eras
durando não mais que um instante
entre duas ondas
de emoção
enquanto os amantes
voltam-se um para o outro
ou para longe

O amor enche e vaza
vem e vai
entre duas emoções
mas ergue-se novamente
com cada nova onda
como algum animal marinho das profundezas
que se lança, num salto, à superfície!

O mar ruga mas nada mais fala
Oh, os casos que ele poderia desvelar
se quisesse
entre suas cóleras
sob o olho do sol
sob os ouvidos do céu —
Saqueadores e dólares espanhóis!⁴
Cidades invisíveis!
Crânios de cristal!⁵
Cascos petrificados!

Masturbações de marinheiros!
ou o esperma de ontem
perdido na marola deixada
por um barco do amor

Oh narrativa incoerente
e incompreensível — Viajante, prossiga!

Não somos nossos pais
ainda que sigamos
respirando como eles
amando e matando como eles

Para longe e longe
em nossos grandes e altos navios
por cima das colinas oceânicas
para onde a Atlântida
ainda conduz as marés
ou para onde aquela montanha mágica
que não está em mapa algum
envolta em esplendor
ainda se esconde!

NOTAS

1. Trata-se de uma das principais avenidas da Cidade do México, batizada em homenagem aos soldados que lutaram, contra a Espanha, pela independência.

2. No original, Boston Common, uma das mais antigas e icônicas praças dos Estados Unidos, em Boston, onde muita coisa aconteceu, desde enforcamentos na época da independência até manifestações contra a guerra do Vietnã, passando por discurso de Martin Luther King, show de Judy Garland etc.

3. Saint Thomas é umas das Ilhas Virgens, possessão norte-americana do Caribe. A família materna de Ferlinghetti era caribenha de origem francesa.

4. No original, "pieces of eight", refere-se ao "Real de 8", moeda de prata cunhada na Espanha pela primeira vez no século XV e amplamente utilizada nas colônias espanholas das Américas, e mesmo nos Estados Unidos, oficialmente, até meados do século XIX.

5. Esculturas de crânios em tamanho real, de cristal, foram, durante muito tempo, consideradas obras astecas e maias, e adquiridos por particulares e expostos pelos grandes museus do Ocidente. Recentemente, porém, os arqueólogos passaram a tratá-las como falsificações, algumas criadas em pleno século XX.

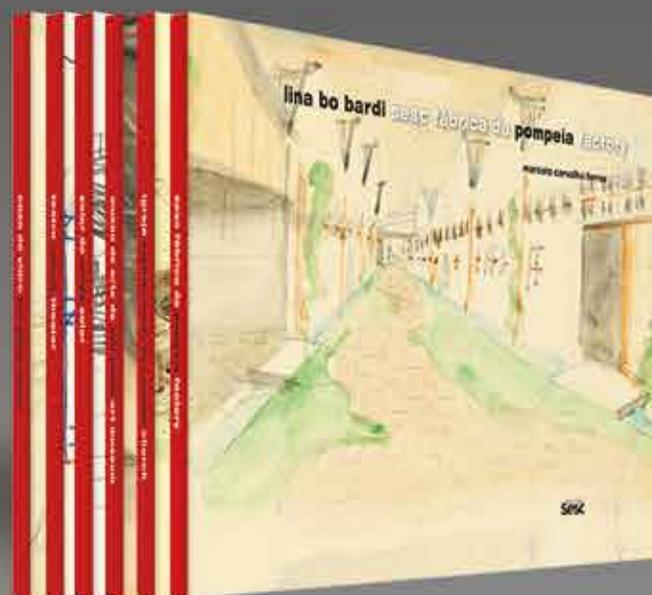
NARRATIVAS DO ESPAÇO



RODRIGO BROTERO LEFÈVRE E A VANGUARDA DA ARQUITETURA NO BRASIL

Miguel Antonio Buzzar

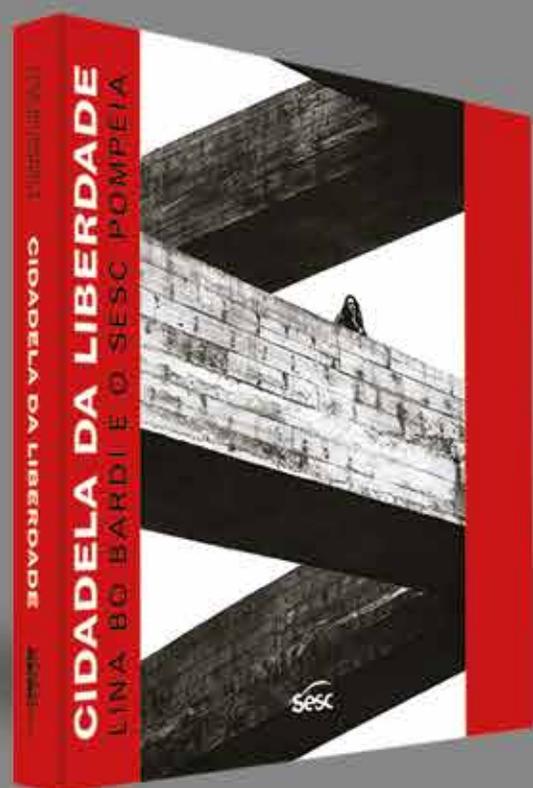
Ao observar as condições de trabalho nos canteiros de obra e com o envolvimento dos operários nas decisões, Lefèvre imprimiu às edificações uma visão de sociedade, cultura e economia à frente de seu tempo.



COLEÇÃO LINA BO BARDI

Marcelo Ferraz (org.)

Seis volumes com desenhos, plantas e fotografias dos mais notáveis projetos arquitetônicos de Lina Bo Bardi, entre eles o MASP - Museu de Arte de São Paulo e o Sesc Fábrika da Pompeia.



CIDADELA DA LIBERDADE

Lina Bo Bardi e o Sesc Pompeia

André Vainer e Marcelo Ferraz

Ilustrada com desenhos, projetos e fotografias, obra remonta à história da antiga fábrica transformada em centro cultural pelas mãos da arquiteta italiana.



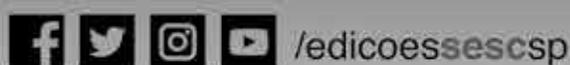
ARQUITETURA DE EXPOSIÇÕES

Lina Bo Bardi e Gisela Magalhães

César Augusto Sartorelli

A partir de croquis, plantas, desenhos e fotos, o leitor pode comparar projeto e execução e contemplar o gênio de duas grandes artistas, neste exercício de ressignificação do espaço que é a arquitetura expositiva.

Visite a loja virtual sescsp.org.br/loja e conheça o catálogo completo



edições
Sesc